



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

MARIA TATIANE LIBERATO FURTADO

**CONTRIBUIÇÃO DA BRINQUEDOTECA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

FORTALEZA

2018

MARIA TATIANE LIBERATO FURTADO

CONTRIBUIÇÃO DA BRINQUEDOTECA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lídia Eugênia Cavalcante.

FORTALEZA

2018

MARIA TATIANE LIBERATO FURTADO

CONTRIBUIÇÃO DA BRINQUEDOTECA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Lídia Eugênia Cavalcante.

Aprovada em: 12/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Mst. Laiana Ferreira de Sousa
Núcleo de Tecnologias e Educação em Saúde

Bibliotecária Pricila Celedônio
Mestranda em Ciência da Informação (PPGCI/UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F988c Furtado, Maria Tatiane Liberato.

A CONTRIBUICAO DA BRINQUEDOTECA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANCAS
ESPECIAIS / Maria Tatiane Liberato Furtado. – 2018.

72 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante .

1. Brinquedotecas. 2. Educacao especial. 3. Inclusao. I. Título.

CDD 020

Aos meus pais, Katia e Bernardo, pessoas que me apoiam em todos os momentos, me dando força e me incentivando a superar os obstáculos da vida. Além de serem minha maior inspiração.

AGRADECIMENTOS

“É impossível ser feliz sozinho”, diz a canção, e, assumindo como correta essa passagem, eu preciso agradecer a todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha vida acadêmica.

A meu Deus, que é tão bom para mim e não me deixa faltar fé e coragem para continuar nessa grande caminhada que é a vida.

À minha família: a meus pais, por serem minha maior inspiração e suporte e por terem cuidado tão bem de mim e de minha irmã; a minha mãe, Kátia, por sempre acreditar em mim; a meu pai, Bernardo, por aprovar minhas ideias, ainda que para ele pareçam loucura; a minha irmã Katiane, na qual descobri uma amiga que me ajudou na correção ortográfica desta monografia; a minha vizinha Imeuda, pessoa pela qual carrego um grande orgulho e não posso mensurar meu amor; e a minha tia Ribana, por suas preciosas dicas, que me ajudaram na confecção deste trabalho.

Ao meu esposo, David, pela paciência e pelo carinho de sempre e pela aposta, sabendo que sou competitiva, sobre quem terminaria primeiro um projeto pessoal, me dando ânimo para continuar este trabalho e ganhar a aposta. Ganhei.

À Universidade Federal do Ceará, local de formação e engrandecimento pessoal e profissional, por me possibilitar uma nova formação acadêmica.

À professora Lídia, que me acolheu ainda no meu segundo semestre como sua bolsista e me ensinou tanto durante todos esses anos, além de ser uma excelente orientadora e amiga que não desistiu de mim.

Aos professores Luiz Tadeu, Laiana e Pricila, por comporem a banca, e a todos os professores do departamento por dedicarem seu tempo e cuidado na formação de novos profissionais.

Aos meus amigos, Thailana, Jackson e Alison, amigos e companheiros nessa jornada na graduação. E aos colegas do Grupo Convite e Ler Para Crer, projetos dos quais fiz parte durante três anos e meio.

A todos os servidores do departamento, da limpeza à secretaria, da coordenação ao chefe.

RESUMO

Este trabalho apresenta as brinquedotecas e a importância do brincar no crescimento das crianças. Tem como principal objetivo investigar quais são as contribuições das brinquedotecas para o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais. O estudo em questão está inserido no método qualitativo, cujo o *lócus* se deu em dois lugares: brinquedoteca do IEFES, da Universidade Federal do Ceará e biblioteca pública do Condado de Harford, nos Estados Unidos. O procedimento metodológico foi constituído a partir de entrevistas realizadas com os diretores de ambos os projetos, funcionários e pais das crianças. As análises dos dados revelaram que as brinquedotecas, apesar de ainda enfrentarem dificuldades como a falta de recursos, são espaços de transformação, onde as crianças aprimoram o lado social, motriz, cognitivo, pedagógico e cultural. E, sendo a falta de inclusão na sociedade uma queixa recorrente dos pais, crianças portadoras de necessidades especiais podem finalmente encontrá-la nesse espaço dedicado ao brincar. Conclui-se que a brinquedoteca desenvolve a imaginação da criança, a atenção e o partilhar; amplia as experiências; estabelece uma relação entre o mundo da fantasia e a realidade, dentre outros tipos de inclusão e que esse sendo um espaço de exploração e conhecimento pode ser mais um lugar de atuação para o profissional bibliotecário.

Palavras-chave: Brinquedoteca. Educação especial. Jogo. Inclusão social.

ABSTRACT

This paper presents the toylibraries and the importance of playing for children development and has as the main objective to investigate if there are and what are the contributions of toys for the development of children with special needs. The study in question is inserted in the qualitative method, where the locus of the research was based in two places, Federal University of Ceara IEFES Toy Library and Harford County Public Library, in the United States. The methodological procedure was constituted from interviews with the directors of both projects, employees and parents. The analysis revealed that toy libraries, although still facing difficulties such as lack of resources, are spaces of transformation, where children improve their social, motor, cognitive, pedagogic and cultural side. And being the lack of inclusion in society and a recurring complaint of parents, children with special needs can finally find it in this space dedicated to play. We could conclude that the toy library develops the child's imagination, attention, sharing, expanding experiences, establishing a relationship between the fantasy world and reality, among others, and that being a space of exploration and knowledge can be another place of work for the librarian professional.

Keywords: Toy library. Special Education. Game, Inclusion.

LISTA DE SIGLAS

IEFES	- Instituto de educacao fisica esportes.....	11
Unesco	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.....	18
APAE	- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.....	18
ABBR	- Associação Brasileira de Brinquedotecas.....	19
GRAAC	- Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer.....	22
USA/TL	- Toy library association.....	27
ICCP	Internacional Concil for Children Play.....	28
GIGI	Comitato Italiano per il Gioco Infantile.....	28
CNIJ	Centre Natonal d' infomaticion du Jovet.....	28
ONU	Organizacao das nacoes unidas.....	35
MEC	Ministerio da Educação.....	35
AEE	Atendimento educacional especializado.....	36
PNEE	Política nacional de educação especial.....	36
APDMC	Associação Primeira Damas do Municipio do Ceara.....	42
LABRINJ	Laboratorio de Brinquedos e Jogos.....	48
CELULA	Centro de Estudo de Ludicidade e Lazer.....	48

LISTA DE FOTOS

Foto 1	- Compuplay.....	16
Foto 2	- Toy Library 30 anos.....	21
Foto 3	- Projeto Brincar para Incluir.....	48
Foto 4	- Projeto Brincar para Incluir.....	50
Foto 5	- Biblioteca Pública do Condado de Harford.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Tipos de brinquedoteca no Brasil.....	20
Quadro 2	- Classificação das brinquedotecas.....	23
Quadro 3	- Modelo esquemático: Família de Brinquedos e Classificação em Cores.....	29
Quadro 4	- Sistema de Classificação de Jogos, Brinquedos e Materiais Pedagógicos.....	30
Quadro 5	- Descritivo de público alvo direto que é beneficiado com as ações do projeto Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer.....	49
Quadro 6	- Programas que unem o brincar e o aprender na biblioteca.....	52
Quadro 7	- Descrição dos entrevistados do Projeto Brincar para Incluir.....	55
Quadro 8	- Descrição dos entrevistados do Projeto <i>Sensory Story Time</i>	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BRINQUEDOTECAS.....	13
2.1	Breve histórico.....	15
2.2	Brinquedotecas no Brasil.....	18
2.3	Brinquedotecas nos Estados Unidos.....	21
2.4	Brinquedo e jogo.....	25
2.5	Classificações de jogos e brinquedos.....	27
3	BRINQUEDOTECA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E DE INCLUSÃO.....	32
3.1	Sociabilidade no brincar.....	38
3.2	O profissional brinquedista.....	40
4	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	46
4.1	Lócus da pesquisa.....	47
4.1.1	<i>Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer.....</i>	<i>47</i>
4.1.1.1	<i>Projeto de extensão brincar para incluir.....</i>	<i>49</i>
4.1.2	<i>Biblioteca do Condado de Harford.....</i>	<i>51</i>
4.1.2.1	<i>Projeto sensory time: Histórias e brincadeiras.....</i>	<i>53</i>
5	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	54
5.1	Análise dos dados pesquisados.....	54
5.2	Caracterização dos participantes da pesquisa.....	55
5.3	Análise das entrevistas.....	55
5.3.1	<i>Entrevista Projeto Brincar para Incluir.....</i>	<i>55</i>
5.3.2	<i>Entrevista Projeto Sensory Story Time.....</i>	<i>61</i>
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS.....	67
	APÊNDICE.....	73

1 INTRODUÇÃO

Diante das várias opções que o mundo globalizado disponibiliza para o entretenimento infantil, os jogos e brincadeiras tradicionais, muitas vezes, têm sido esquecidos. Frente a isso, vemos na brinquedoteca uma opção que, ao mesmo tempo em que brinca, educa. Conforme afirma Piaget (1989): “o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico”. Dito isso, é importante que as escolas e os pais reservem tempo para que seus filhos e educandos possam ter um espaço em sua rotina para aprender se divertindo.

Seria ótimo se, dentro do ambiente de ensino, fosse comum a prática de atividades lúdicas por meio da brinquedoteca, que estimula as habilidades motoras e cognitivas além de trabalhar a socialização das crianças. Por isso, seria interessante que todas as escolas regulares ou especiais tivessem não só uma biblioteca, mas esse espaço, onde as crianças se sintam à vontade para ter uma relação mais próxima com o educador, o bibliotecário ou brinquedista, pois é por meio dessa relação que a criança consegue se sentir confortável e, assim, evoluir.

O interesse pelo mundo infantil sempre esteve presente, mas a vontade de conhecer melhor a área de educação especial começou quando recebi, depois de seis meses do nascimento de uma prima com a síndrome de Down, o diagnóstico de que a outra prima, que havia acabado de nascer, também tinha um cromossomo 21 a mais, e, assim, toda a família buscou conhecer os tratamentos e os métodos da educação inclusiva.

Ao ingressar na Biblioteconomia, os assuntos relacionados ao ambiente escolar sempre me atraíram muito, e, ao escolher o tema de pesquisa, quis estudar algo além da biblioteca escolar. Então recordei os acompanhamentos que faziam com minhas primas aos tratamentos de fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional.

A questão que norteia esta pesquisa é: A brinquedoteca contribui para o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais? A pesquisa tem como objetivo geral investigar quais são as contribuições das brinquedotecas para o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais. Como objetivos específicos, tem os seguintes:

- a) explorar qual é e como se dá o trabalho dos profissionais da brinquedoteca;

- b) conhecer quais são as atividades realizadas na brinquedoteca do IEFES e da Biblioteca do Condado de Hardford;
- c) colher impressões de experiências no uso da brinquedoteca por meio do relato dos responsáveis pelas ações da brinquedoteca, dos responsáveis pelas crianças e dos profissionais da escola/ biblioteca;
- d) verificar se a brinquedoteca pode ou não ser um campo de atuação para o profissional bibliotecário.

Com estudos mais aprofundados sobre brinquedotecas e, por consequência, a formação de um debate sobre o tema, fará com que alguns olhos se voltem para a área e, assim, a população terá conhecimento sobre a prática e entenderá que o aprendizado através do lúdico também é importante para as crianças, o que pode gerar maior implementação de brinquedotecas estado a fora.

Essa pesquisa é de caráter exploratório com análise qualitativa dos dados. Para a coleta de dados, foi utilizado como instrumento a entrevista, estruturada em 9 (nove) questões. A entrevista foi realizada com duas mães, cada uma de um projeto, o coordenador da brinquedoteca do IEFES (Instituto de educação física e esportes), um bolsista coordenador do programa Sensory Story Time e a profissional que trabalha na biblioteca de Hardford.

Esse trabalho está estruturado em cinco capítulos, o primeiro constitui-se desta introdução; o segundo capítulo faz um passeio sobre a história da brinquedoteca e seu caminhar no Brasil, Estados Unidos e no mundo, o significado de brinquedo e jogo e sua classificação; no terceiro capítulo abordamos a educação especial e como o brincar atua na socialização de crianças, além de tratar sobre o profissional brinquedista e as profissões que se identificam com essa prática. O quarto capítulo trata dos procedimentos metodológicos usados para seguir o rigor científico. O quinto capítulo apresenta a análise e interpretação dos dados coletados. E, a última parte, firma as conclusões obtidas e a resposta da questão norteadora desta pesquisa.

Tal tema, além de propor um estudo sobre o papel da brinquedoteca na educação inclusiva, também busca explorar as competências que têm de ser desenvolvidas pelo profissional da informação para que o mesmo possa atuar como bibliotecário e educador.

Visto isso, pretende-se com esta pesquisa trazer a lume o uso da brinquedoteca fora do ambiente terapêutico, apesar da grade curricular não ser composta por nenhuma disciplina que possa sanar tal carência.

Além de reafirmar a importância da brinquedoteca no desenvolvimento da criança especial, investiga-se as contribuições das ações realizadas na brinquedoteca de IEFES dentro do projeto Brincar para Incluir e do projeto Sensory Story Time na Biblioteca Pública de Hartford para o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BRINQUEDOTECAS

As brinquedotecas são espaços criados com o intuito de deixar as práticas lúdicas correrem livremente. Existem várias definições e usos acerca desse termo. Kishimoto (1994) afirma que as brinquedotecas são espaços que animam a sociedade e têm como foco a transmissão da cultura infantil, o desenvolvimento da socialização, a integração social e a construção de representações infantis.

Atualmente, o dia-dia das crianças já é extremamente atarefado, muitos pais matriculam seus filhos em cursos de línguas, informática, e deixam de lado atividades lúdicas e criativas necessárias para compor a infância e o desenvolvimento da criança, atividades essas que podem ocorrer na brinquedoteca, identificado como “um espaço onde crianças e adultos brincam livremente com todo o estímulo à manifestação de suas potencialidades e necessidades lúdicas.” (CUNHA, 2007, p. 13). Esse espaço, muitas vezes, revela-se como um resgate à infância, ao oferecer ambiente que se preocupa em mostrar a relevância que o brincar tem como elemento essencial do desenvolvimento infantil, e é importante ressaltar que o brincar só existe em dinâmica com seu público. Corroborando com essa ideia, Almeida (1997, p. 133) destaca que “a brinquedoteca não é só um monte de brinquedos. São objetos que não têm vida em uma estante, mas quando chegam às mãos das crianças criam vida, pois ela é acima de tudo o mundo das brincadeiras”.

Isso faz lembrar a primeira regra de Ranganathan, sempre atual para os estudos da Biblioteconomia, em seu livro “As 5 leis da biblioteconomia”, em que afirma que “[...] os livros são para serem usados” (1931). Podemos adaptar e dizer que na brinquedoteca, os *brinquedos* são para serem usados.

Definições diferentes, mas em comum, mostram a valorização que o lugar possui para o desenvolvimento das crianças, seja de forma cognitiva, cultural, pedagógica ou social.

Azevedo destaca algumas funções da brinquedoteca,

A função pedagógica na medida em que são selecionados brinquedos de qualidade; a função social possibilitando o acesso a brinquedos a crianças procedentes de famílias de baixa renda; a função comunitária, uma vez que o brincar em grupo possibilita a aprendizagem de regras e valores, tais como respeito e cooperação, a comunicação familiar dando vida aos jogos em família e a função

diagnóstica possibilitando a ressignificação de momentos vividos por meio da simbolização e representação destes (faz-de-conta). (2004, p. 59)

Podemos citar, ainda, a função cultural que a brinquedoteca desempenha ao reconstituir a memória de brinquedos e brincadeiras tradicionais, próprios do estado ou país que, aos poucos, vão se perdendo em meio à modernidade. Essas atividades são, geralmente, passadas pela oralidade de geração a geração. As cantigas de roda, por exemplo, uma atividade que já não se encontra nas brincadeiras infantis não dirigidas em espaços reservados para esse fim, que podem ser preservadas e compartilhadas no ambiente lúdico.

As brinquedotecas estão inseridas em diversos contextos, podendo estar no ambiente educacional, como em escolas e creches, para que as crianças façam as atividades de recreação ou como apoio às aulas de matemática por meio de brincadeiras educativas, ou literatura mediante contação de histórias e teatrinho. Em ambiente de fisioterapia e terapia ocupacional, as brinquedotecas e brinquedos são essenciais no tratamento de crianças com deficiência motora, por exemplo. No ambiente hospitalar, a brincadeira atua como fator que minimiza o sofrimento da criança e auxilia a equipe profissional a explicar a situação do paciente infantil, motivando-o a continuar o tratamento.

Algumas brinquedotecas estão inseridas em comunidades, atendendo crianças e jovens e fazendo papel de mudança social, através da mediação de práticas de leitura e brincadeiras. Existem também as brinquedotecas itinerantes, que fazem visitas aos bairros, na maioria das vezes, bairros carentes, para oportunizar o acesso a jogos e brincadeiras que a comunidade muitas vezes não tem.

É interessante destacar alguns objetivos que a brinquedoteca possui, segundo Cunha (2007, p. 38):

Proporcionar um espaço lúdico valorizando o ato de brincar; Resgatar o espaço e o tempo de brincar; Possibilitar o acesso a brinquedos; Orientar sobre a adequação e utilização de brinquedos; Desenvolver hábitos de responsabilidade; Resgatar brincadeiras, incentivando sua valorização como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social; Propiciar a construção de conhecimentos; Estimular o desenvolvimento da concentração e atenção; Oportunizar a expansão de habilidades e potencialidades; Desenvolver criatividade, a sociabilidade e a sensibilidade; Incentivar a autonomia e o sentimento de autoestima;

Repassar aos professores e às famílias informações sobre conhecimentos a respeito da importância do brincar sobre o desenvolvimento do aluno na brinquedoteca.

Vale salientar que a brinquedoteca não significa somente um espaço de distração para as crianças, sua razão de ser tem finalidades também de formação humana, pois a criança que brinca se torna um adulto que exerce a sua autonomia e capacidade crítica. É por meio da brincadeira grupal que ela faz novos amigos e trabalha a tolerância e o respeito ao próximo, ao pegar brinquedos emprestados, desenvolve a responsabilidade; ao esperar sua vez de brincar, torna-se paciente.

2.1 Breve histórico

É difícil afirmar com exatidão como foram criadas as brinquedotecas. Isso se dá também pelo fato de que cada país tem suas singularidades. As brinquedotecas de um país refletem sua cultura, seu modo de fazer as coisas, práticas sociais e de educação da criança.

As brinquedotecas são organizações que podem propiciar o brincar para diferentes públicos, de diversas maneiras. Uma brinquedoteca pode ser criada por um grupo que se reúne para tal, ou por um indivíduo (ATKINSON, 2011).

Segundo Moor *apud* Kishimoto (2011, p. 16), o surgimento da primeira *toy library* está relacionado com a “Grande depressão americana” nos anos 1930, que impôs tempos difíceis até para as famílias de posses. Um lojista em Southwest, Los Angeles, notou alunos de 8º e 9º anos de escolas particulares roubando materiais para construir brinquedos, para evitar a criação de delinquentes, o município propôs, em 1935, um sistema de empréstimo de brinquedos na biblioteca pública, surgindo a primeira “biblioteca de brinquedos”. Almeida (1997) completa a afirmação ao dizer que o serviço de empréstimo de brinquedos funciona até hoje e é chamado de *Toy Loan*.

Atualmente, os Estados Unidos têm um serviço que é prestado nas brinquedotecas especializadas no atendimento às crianças deficientes, chamado de *compuplay*, na qual, por meio de programas especiais, as crianças aprendem brincando em computadores que possuem adaptações para que elas possam utilizá-los mais facilmente (CUNHA, 2007).

Foto 1 - Compuplay



Fonte: Fotografia feita pela autora.

No Brasil, computadores em brinquedotecas talvez fossem uma oportunidade para que as crianças carentes que não têm contato com esse tipo de recurso tivessem oportunidade de conhecê-lo. Mas, como Cunha (2007) salienta, existe sempre o risco de que essa atividade ocupe mais tempo do que o desejável e a brinquedoteca deve proporcionar às crianças uma atmosfera de amizade e companheirismo, e os jogos e computadores são individuais.

Na Europa, a primeira espécie de brinquedoteca foi criada na Suécia, em 1963. Conforme destacado por Cunha (2007), essas eram chamadas de *Lekotek*, que quer dizer ludoteca, atendendo somente crianças portadoras de deficiências ou que sofriam algum prejuízo no seu desenvolvimento. Cunha completa ao falar que o Ministério da Saúde é que financia esse trabalho já tão difundido naquele país.

Outro país em que as ludotecas são financiadas pelo o governo é a Espanha. “Essas assumiram uma função pública e compensatória em relação às diferenças sociais, culturais, de gênero e econômicas em que vivia parte da população infantil.” (BORJA SOLÉ, 2011, p. 71). As ludotecas da Espanha educam a partir do brincar como uma atividade de descanso e de diversão, utilizando jogos

que estejam em consonância com o desenvolvimento dos valores humanos entendidos em sua dimensão ético-democrática. As brinquedotecas nasceram e têm evoluído em interação constante com o seu meio, ou seja, nas comunidades nas quais estão inseridas.

“Atualmente existem cerca de 6.500 brinquedotecas na Europa. A principal qualidade delas é que a maioria está aberta a todos.” (FUNCHS, 2011, p. 43). Apesar de a Europa ter vários países com línguas e culturas diferentes, o que poderia atrapalhar na comunicação entre eles, os países europeus, como afirma Funchs (2011), ajudam uns aos outros nesse quesito. As brinquedotecas estabelecidas em um país compartilham saberes e experiências para contribuir no desenvolvimento de outras brinquedotecas, como o que Dinamarca e Reino Unido têm feito na Romênia, por exemplo, levando brinquedos, treinamento e *know-how*.

Os ambientes utilizados para o brincar são os mais diversos, as brinquedotecas podem ser educativas, em escolas e universidades, comunitárias, hospitalares, com foco no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais, por exemplo.

Segundo Souza (2012, p. 4),

O conceito de brinquedoteca foi ampliado em 1987, no Congresso Internacional das Toy Libraries, em Toronto no Canadá, quando foi discutida a adequação do nome Toy Libraries às mais variadas ações que neste espaço são executadas, o trabalho da brinquedoteca então foi concebido além do empréstimo de brinquedos, formaliza-se também o apoio às famílias, orientação educacional e auxílio à saúde mental, o estímulo à socialização e resgate da cultura de cada povo. No Canadá, as Toy Libraries foram então renomeadas para Centros de Recursos para a Família.

Na Ásia, as brinquedotecas foram introduzidas no Japão em Osaka, 1975, como um lugar para tratamento e terapia, que recebeu o nome de “Lekotech” (MINEJIMA, 2011). Até que em 1981, em Tóquio, Ruth Kobayashi abriu uma brinquedoteca como trabalho voluntário. Esta primeira brinquedoteca japonesa desencadeou uma enxurrada de outras por todo o país, na esperança de proporcionar às crianças deficientes a maravilha dos brinquedos e a alegria de brincar.

Presente em todos os continentes, a brinquedoteca se coloca como um fator de contribuição na educação, explorando o potencial das crianças enquanto

pessoa, ao oferecer elementos didáticos e de desporto em um ambiente de acolhimento e respeito.

2.2 Brinquedotecas no Brasil

No Brasil, a brinquedoteca é considerada um espaço de recreação e ludicidade que não realiza o serviço de empréstimo de brinquedos. Esse termo é essencialmente brasileiro, Cunha (2007) diz que é diferente das *Toy Libraries* e das Ludotecas de alguns países, porque estas funcionam emprestando brinquedos para as crianças levarem para casa, enquanto que no Brasil, o trabalho está focado no brincar propriamente dito.

Conforme Almeida (1997), foi em Recife que surgiu o primeiro modelo de brinquedoteca no Brasil, em meados da década de 20, antes mesmo de saber que aquilo que havia sido construído com intenções de suporte pedagógico tinha um termo específico. “Este dado abre uma perspectiva histórica da utilização de um espaço no qual o objeto (brinquedo) seria utilizado para desenvolver momentos de brincadeiras antes do aparecimento da primeira brinquedoteca.” (Kishimoto *apud* ALMEIDA, 1997, p. 135).

Ainda Almeida (1997, p. 135) destaca que “Em 1960, a UNESCO teve a iniciativa de internacionalizar a ideia de Ludoteca e, assim, foram surgindo diversas formas de utilização desses espaços.” De acordo com o portal da Associação Brasileira das Brinquedotecas, os trabalhos de criação de uma brinquedoteca no Brasil surgiram em 1971, em uma inauguração da associação dos pais e amigos dos excepcionais - APAE, inspirada nas *Lekotek* suíças, com o objetivo de ajudar a desenvolver crianças especiais, mas esses brinquedos eram usados em moldes de biblioteca circulante. Apenas em 1981 foi montada a brinquedoteca de Indianápolis, em São Paulo, a primeira brinquedoteca oficialmente do país, tendo como diretora Nylse Cunha, pedagoga e uma das mais conhecidas teóricas na área de brinquedotecas.

Em seu artigo *A brinquedoteca brasileira*, Cunha (1997) afirma que as primeiras brinquedotecas no Brasil começaram a surgir nos anos 80. Apesar das primeiras instituições desse tipo terem surgido há 30 anos, elas ainda não são reconhecidas. “Como toda nova ideia, apesar do encantamento que desperta, tem

que enfrentar dificuldades não somente para conseguir sobreviver economicamente, mas também para se impor como instituição reconhecida e valorizada a nível educacional” (CUNHA, 1997, p. 13)

A sociedade moderna se orgulha do progresso da ciência e da tecnologia, mas não possui progresso psicológico equivalente. Geralmente, as famílias com poder aquisitivo maior buscam tratamentos de última ponta, sendo que a estimulação tradicional pode ser tão eficaz quanto. Ou preenchem a rotina de seus filhos com diversas atividades, deixando de fora o lazer que toda criança merece ter.

Segundo Atkison (2011, p.37),

Uma associação nacional de brinquedotecas não é essencial, mas tem muitas vantagens. Ela atua como fonte de informação, apoio e formação, bem como fórum para seus membros. Atua também como representante junto ao governo ou a outras entidades.

Fazendo um paralelo com essa afirmação, a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri) afirma que

A partir de 1984, devido ao movimento crescente em torno do tema, surgiu a necessidade de se criar uma associação que abarcasse a demanda. Desde então, a Associação Brasileira de Brinquedotecas – ABBri vem trabalhando em prol da divulgação do brincar, bem como formando brinquedistas e auxiliando na montagem de brinquedotecas por todo país. ([200-?])

Em conformidade com Kishimoto (2011), o termo brinquedoteca só existe porque, quando a ABBri fez o seu registro, foi descoberto que já havia uma escola com o nome “ludoteca” (termo usado na maioria dos países do mundo) Sendo, portanto, brinquedoteca um termo totalmente brasileiro.

Outra associação que demonstra preocupação com os direitos da criança ao brincar é a *Internacional Toy Library Association*, que conforme afirma Cunha (2007, p. 14), “são realizados congressos para tratar do assunto e lutarem pelo direito da criança a brincar e pela a qualidade do brinquedo que lhe é oferecido”.

Uma instituição que merece destaque é o Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (GRAACC), uma instituição sem fins lucrativos que é referência para instituições no Brasil e no exterior, já possui uma enorme brinquedoteca desde 1998, mas em 2004, foi pioneira na criação da Quimioteca e a Reabilitca, espaços que trazem o brincar para a rotina do tratamento

quimioterápico ao invés de ser apenas algo que acontece da sala de espera do hospital (GRAACC, 2008).

Como foi percebido, existem vários modelos de espaços voltados para as crianças para o uso dos brinquedos. No Brasil, esses espaços podem ser divididos em universidades para o ensino de professores, escolas, hospitais, terapêuticos etc. De acordo com Kishimoto, (2011, p. 22) em pesquisa realizada entre 2008 e 2009 juntamente com o Pontão da Cultura do Ministério da Cultura, apontou que

De um total de 565 brinquedotecas, 212 (37%), o maior volume encontra-se junto aos cursos de formação de professores para infância e 98 (17,34%) em espaços escolares. Cerca de 310 unidades (54,34%), ou seja, mais da metade desses equipamentos encontram-se em espaços educativos (curso de formação de professores e escolas).

Quadro 1 - Tipos de brinquedoteca no Brasil

Tipos	Quantidade
Laboratórios, centros de pesquisa, extensão e estudo de praticas.	212
Hospitalares e terapêuticas	109
Escolas	98
Centros comunitários, culturais e esportivos	78
ONGs	17
Itinerantes	10
Instituições penais	08
Outras	33
Total de brinquedotecas	565

Fonte: Kishimoto apud LABRIMP; FEUSP; PONTÃO DA CULTURA, 2009.

Os trabalhos de pesquisa sobre esse assunto estão se tornando mais frequentes, e é importante a temática estar em discussão, chamando a atenção de

instituições para o valor do papel que a brinquedoteca desempenha no desenvolvimento infantil.

2.3 Brinquedotecas nos Estados Unidos

Os Estados Unidos, como já fora mencionado, fundou o que podemos chamar de a primeira brinquedoteca no mundo, com o objetivo de evitar que crianças virassem delinquentes e roubassem brinquedos durante a Grande Depressão dos anos 30. De acordo com o Department of Public Social Services americano,

As crianças eram classificadas pela a forma de cuidar do brinquedo emprestado, recebendo uma nota satisfatória para devolver o brinquedo a tempo e em boas condições. Depois de 20 boas notas, a criança alcançaria o status de Honor Borrower, o qual a autorizava receber um presente do Gabinete de Honra. Além disso, o Código de Honra de Empréstimo de Brinquedos foi estabelecido para ensinar honestidade, responsabilidade, cortesia e integridade. ([200-?], tradução nossa).

Hoje, mais de 80 anos após sua fundação, a brinquedoteca continua seus serviços sem basicamente nenhuma mudança de regras.

Foto 2 – Toy Library anos 30



Fonte: Department of Public Social Services, [200-?].

Outro programa que merece destaque é o Head Start, programa com mais longevidade entre os que têm como propósito combater a pobreza sistêmica dos Estados Unidos e que foi criado em 1965 pelo o Departamento de Saúde e Serviços Humanos, para dar ajuda especial a crianças de áreas desfavorecidas, a fim de dar a elas a chance de alcançar as mesmas oportunidades de crianças com maior renda familiar. O programa começou pequeno, mas logo alcançou um grande sucesso, o que também ajudou a criar algumas brinquedotecas. “Eles eram essencialmente centros de recursos para professores usarem itens emprestados para uso em suas salas de aula, mas alguns expandiram posteriormente para bibliotecas de livre acesso” (MOORE, 1995, p. 10, tradução nossa).

Nos anos 80, o movimento das Lekoteks na Suécia inspirou a inauguração de diversas lekotekas pelo país. A National Lekotek Center, se localiza no estado Americano de Illinois e é o centro administrativo e de treinamento para uma rede nacional de 51 Lekotek, que abrigam instalações para brincadeiras familiares e brinquedotecas. Em seu portal eletrônico, a National Lekotek Center ([2001?], tradução nossa) deixa claro que sua missão é

[...] fornecer uma variedade de serviços para melhorar a vida de crianças com necessidades especiais através da utilização de brinquedos e brincadeiras, além de oferecer sessões terapêuticas baseadas no brincar para famílias de crianças com deficiência, com o objetivo de ajudar as crianças a aprender, desenvolver e prosperar em um mundo que lhes apresenta desafios únicos e complexos.

De acordo com os escritos de Moore (1995, p.15, tradução nossa),

[...] A Lekotek fornece a cada família orientação e ferramentas para ajudar as crianças com necessidades especiais a se desenvolver através do brincar. O foco está nas habilidades da criança - não em deficiências - e a Lekotek ajuda a fortalecer e apoiar toda a família.

No ano de 1984 a Toy Library Association (USA/TLA) foi criada por um grupo de educadores, bibliotecários e psicólogos para suprir as necessidades das brinquedotecas e com a missão de

Promover uma dimensão importante para o programa educacional da América, proporcionando um ambiente com oportunidade em abundante para o brincar e complementada por uma coleção de brinquedos de alta qualidade; além de manter um fórum de

discussão entre pais, professores e a quem mais estiver interessado.
(TOY LIBRARY ASSOCIATION, [200-?])

O órgão fornece um boletim informativo regular, com informações para a mídia e grande público, além de um diretório de brinquedotecas de o todo o mundo e publicações científicas para venda.

Ainda que nos Estados Unidos as maiorias das brinquedotecas estão instaladas em bibliotecas e escolas públicas, existem também as hospitalares e comunitárias.

Quadro 2 - Classificação das brinquedotecas

(continua)

Categoria	Descrição
Brinquedoteca Comunitária	Uma equipe de funcionários compra, cataloga e organiza brinquedos para empréstimos. Os procedimentos de empréstimo são estabelecidos, assim como as rotinas para limpar e manter os itens. O programa também pode oferecer outros serviços, como workshops, grupos de discussão dos pais ou uma sala de jogos. Pode ser operado por uma equipe paga, por um grupo voluntário ou por uma combinação de ambos. O financiamento pode vir de doações ou projetos de captação de recursos. Pode ser alojado em uma agência existente, como uma agência pública de serviços sociais, ou ter seu próprio prédio.
Brinquedoteca Suplementar	Esta instalação está conectada a um programa existente, como um hospital, clínica de saúde, creche ou escola. Pode fornecer brinquedos especialmente adaptados para crianças portadoras de deficiência, ou ter materiais disponíveis para empréstimo para professores e pais. Pode ter uma política de empréstimo aberto ou pode ser restrita ao uso por funcionários, pacientes ou famílias associadas à agência patrocinadora.

Quadro 2 - Classificação das brinquedotecas

(conclusão)

Categoria	Descrição
Brinquedoteca Cooperativa do Bairro	<p>Os brinquedos são coletados para catalogá-los e alojá-los em um local central. Famílias interessadas podem doar brinquedos, fundos para comprar itens adicionais ou se voluntariar para limpar e manter a coleção de brinquedos.</p> <p>O cronograma para emprestar brinquedos é configurado. Esse tipo de biblioteca pode ser abrigado em um ambiente de igreja, casa ou pré-escola. Pode ser simples como cestas de brinquedos que circulam de casa em casa.</p>
Brinquedoteca Circulante	<p>Esse tipo pode fazer parte de um programa existente ou de uma atividade independente. Uma unidade móvel pode viajar para locais de cuidados infantis domiciliares, clínicas de saúde, pré-escolas ou residências. Um cronograma é estabelecido para paradas em uma base regular. O pessoal pode ser pago ou ser voluntário. A programação pode ser oferecida como parte dos serviços e a manutenção do veículo pode ser um problema, mas pode eliminar a necessidade de um local maior.</p>

Fonte: Toy Library Association, [. Feito pelo o autor , tradução nossa.

American Library Association, ALA Handbook of Organization, 1974/1975, Chicago: American Library Association, 1975, p. 32.

Ainda de acordo com a USA/TLA (website), existem mais de 500 brinquedotecas cadastradas na associação. A instituição realiza conferências todos os anos para discutir o assunto, em 2017, o tema sobre crianças especiais e o brincar, teve destaque na conferência, com o foco em crianças autistas. Os participantes puderam conhecer mitos e verdades sobre o autismo e sua história assim como aprenderam sobre uma visão geral dos programas de educação adequados para esse público.

As brinquedotecas têm grande valor no desenvolvimento de crianças de todas as idades, e é interessante observar que importantes instituições estão

ajudando no desenvolvimento dessa área com pesquisas e conferências. E esse espaço sendo utilizado como um ambiente de aprendizagem, descobrimento e lazer encaixa muito bem os outros serviços prestados pelas as bibliotecas.

2.4 Brinquedo e jogo

A infância é repleta de atividades lúdicas e, independente da faixa etária, classe social e cultural, todas as crianças brincam e se divertem à sua maneira. Como partes elementares dessas ações estão os brinquedos e os jogos. Assim sendo, é importante buscar definições sobre tais temas.

Brougère (2006) destaca que os brinquedos podem ser definidos de duas maneiras, em relação à brincadeira ou em relação a uma representação social:

No primeiro caso, o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira; pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele brincar, uma sucata, que só tenha valor para o tempo da brincadeira. Tudo nesse sentido pode se tornar brinquedo. [...] no segundo caso, o brinquedo é um objeto industrial ou artesanal reconhecido como tal pelo consumidor em potencial, em função de traços (aspecto, função) e do lugar que lhe é destinado no sistema social de distribuição de objetos. Quer seja ou não utilizado ou numa situação de brincadeira, e pela a mesma razão é destinada a criança. (p. 62-63).

O autor escolheu se ater ao segundo caso, e salienta que “esse brinquedo pode ser considerado como uma ‘mídia’ que transmite à criança certos conteúdos simbólicos, imagens e representações produzidas pela sociedade que a cerca.” (BROUGÈRE, 2006, p. 63). Pode-se usar como exemplo televisão, comerciais, desenhos animados etc. tudo isso faz parte do cotidiano da criança e pode influenciar no seu desejo de ter, ou não, um brinquedo.

A diversão é fundamental para a infância, dado que através da brincadeira a criança vive situações que irão expandir seu lado social, aprimorar a concentração, seguir regras. Características que serão imprescindíveis em sua vida adulta, como ressalta Vygotsky (1987, p. 134),

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma

condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.

Por meio de seu imaginário, fazendo uso do brinquedo, a criança vive situações reais, que podem se repetir no seu cotidiano, porque “Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los” (KISHIMOTO 2011 p. 21).

Diferente do brinquedo, o jogo pode conter múltiplas definições. Para isso, Kishimoto cita Wittgenstein, ao falar sobre a grande família de jogos, já que existem jogos dos mais variados tipos, sendo assim um termo impreciso, que assume diversos significados.

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam ‘jogos’ –”, mas veja se algo é comum a eles todos- pois, se você os contemplar, não verá na verdade algo comum a todos, mas semelhantes, parentescos, e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. Se passarmos agora ao jogo de bola, muita coisa comum se conserva, mas muitas se perdem. São todos “recreativos?” Compare o xadrez com o jogo da amarelinha. Ou há em todos um ganhar e um perder, ou uma concorrência entre os jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há um ganhar e um perder; mas se uma criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, este traço desapareceu. Veja que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem. E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor. Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhanças de família”, pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc. etc. e digo: “os jogos” formam uma família. (KISHIMOTO, 2011 p.25)

Huzinga apresenta o jogo como algo que fazemos sem obrigação, de forma optativa e que demanda estímulos internos.

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida quotidiana”. (2012, p.33)

No brincar, a criança vivencia situações que contribuirão para o seu conhecimento e desenvolvimento da personalidade. Toda criança que brinca, vive feliz e se torna um adulto mais empoderado. Por meio das brincadeiras, a criança pode realmente encontrar significados para sua vida.

O brinquedo e do jogo, elementos usados no lúdico, não devem ser vistos apenas como recurso de recreação, devem também ser utilizados para as práticas didáticas de aprendizagem possibilitando o crescimento infantil.

2.5 Classificações de jogos e brinquedos

Para facilitar a identificação dos brinquedos dispostos nas estantes das brinquedotecas, é necessária uma forma de registro e catalogação para que as crianças encontrem o que procuram espontaneamente. Através de pesquisas bibliográficas notou-se que as brinquedotecas não seguem exatamente um padrão para a classificação e catalogação de seus materiais, pois “embora útil, qualquer classificação nem sempre é exata” (ALMEIDA, 2010, p. 7). Sendo assim, os brinquedos e jogos são classificados e organizados de acordo com os objetivos específicos de cada brinquedoteca, pois embora existam as semelhanças físicas e de acervo, já foi visto que os objetivos de uma brinquedoteca hospitalar muito se diferem de uma brinquedoteca comunitária, por conseguinte, as instituições devem corresponder à demanda do seu público.

Existem 4 classificações básicas que serviram de norte para as outras tantas que surgiram:

- 1) Classificações etnológicas ou sociológicas: analisam os brinquedos em função do papel que lhes é atribuído (ou que a classificação lhes atribui);
- 2) classificações filogenéticas: que analisam os brinquedos em função da evolução da humanidade, evolução esta reproduzida pela criança em seus jogos;
- 3) classificações psicológicas: que se fundamentam na explicação do desenvolvimento da criança em função das quais se estabelece uma hierarquia dos jogos;
- 4) a classificação pedagógica que distribuem os

brinquedos segundo diferentes aspectos e opções dos métodos educativos. (MICHELET, 1992 p. 32)

Encontram-se os mais diversos tipos de classificações como, em cores, em função do brinquedo, na faixa etária indicada, na família do brinquedo, ou simplesmente para o controle de empréstimo.

De acordo com Almeida, por meio de estudos realizados na Itália pelo GIGI (*Comitato Italiano per il Gioco Infantile*), para o estabelecimento das primeiras brinquedotecas, e na França, pelo CNIJ (*Centre National d'information du Jouet*), foram criados alguns rumos que devem ser seguidos no processo de elaboração de guia de classificação de jogos, brinquedos e brincadeiras:

1. Partir da realidade e da observação do brincar;
2. Estabelecer meios de classificação universais e objetivos;
3. Permitir uma classificação evolutiva, pois o mundo dos brinquedos é dinâmico, bem como o das nossas concepções sobre o brincar;
4. Abordar a classificação levando em consideração dois pontos de vista: o do brinquedo e o da criança;
5. Fornecer um instrumento de trabalho útil para o conhecimento e a utilização dos jogos, dos brinquedos e das brincadeiras; (ALMEIDA, 2010, p. 8)

Existem diversas classificações de brinquedos, e é interessante dar destaque a algumas:

A classificação do *International Council for Children's Play* (ICCP) foi elaborada pelo *Centre National d'Information sur le Jouet* - em 1981 (MICHELET, 1992), e faz uma crítica às classificações que ignoram a função do jogo e classificando simplesmente o brinquedo. A ICCP classifica primeiro o brinquedo e depois o seu jogo, e os materiais podem ser encontrados de ambas as formas (brinquedo ou jogo).

A partir do seu trabalho, o ICCP definiu critérios relativos a quatro qualidades fundamentais segundo as quais o brinquedo pode ser examinado:

O valor funcional: É caracterizado pelas qualidades intrínsecas do brinquedo (dado retomado em parte pelas normas de segurança); O valor experimental: Diz respeito àquilo que a criança pode fazer ou aprender com seu brinquedo, em todos os níveis: fazer ruído, rodar, encaixar, construir, medir, classificar...; O valor de estruturação: Relaciona-se com o desenvolvimento da personalidade da criança e abrange o "conteúdo simbólico" do jogo e do brinquedo: projeção, transferência, imitação [...] Este valor diz respeito a tudo que concorre à elaboração da área afetiva.; O valor de relação: Diz respeito à forma segundo a qual o jogo ou brinquedo facilitam o

estabelecimento de relações com outras crianças e com os adultos, propondo o aprendizado de regras, de comportamentos, de simulação. (MICHELET, 1992 p. 33).

Cada brinquedo contém essas quatro qualidades num maior ou menor nível, geralmente uma delas é dominante e é esta que será usada para a classificação básica.

Ainda de acordo com Michelet (1992), essa classificação divide-se em dois quadros. O *Quadro A* corresponde a Classificação Psicológica, elencando o desenvolvimento corporal, desenvolvimento intelectual, desenvolvimento afetivo, desenvolvimento criativo e desenvolvimento social. O *Quadro B* corresponde à Família de Brinquedos, a qual abarca 116 tipos de brinquedos, sendo estabelecida apenas em números ímpares, permitindo acrescentar novas categorias que podem surgir, para facilitar a identificação visual, cada categoria de família de brinquedos corresponde a uma cor, como ilustra o gráfico a seguir:

Quadro 3 - Modelo esquemático: Família de Brinquedos e Classificação em Cores



Fonte: Elaboração nossa.

Uma classificação nacional bastante reconhecida é o Sistema de Classificação de Jogos, brinquedos e materiais pedagógicos N.C. elaborado por Nylse Cunha. O objetivo dessa classificação é voltado para brinquedotecas de cunho pedagógicas, estando essas inseridas no ambiente acadêmico para facilitar o

acesso do material pelos futuros educadores em situações de treinamento e aprendizagem.

Conforme Cunha, o sistema de classificação de jogos, brinquedos e materiais pedagógicos é composto pelos os seguintes itens:

Quadro 4 – Sistema de Classificação de Jogos, Brinquedos e Materiais Pedagógicos

1	Número de registro	Corresponde a ordem de entrada no Livro de Tombo,
2	Localização	Indica a posição na estante através de uma letra de determinada cor
3	Data de entrada	Refere-se ao dia do registro
4	Nome do brinquedo	O título da embalagem
5	Fabricante e local	Descreve o nome da indústria ou artesão, cidade, estado e país
6	Código e ano de fabricação	Descreve código e ano de fabricação
7	Componentes	Descreve as peças que compõe o jogo
8	Embalagem	Descreve se é madeira, plástico ou se não existe
9	Preço	Registrar o valor pago ou se foi doação
10	Tipo	Descreve as várias classificações de brinquedos ou jogos e quebra-cabeças e
10.1	Brinquedos	
10.2	Jogo	
10.3	Quebra-cabeças	
10.4	Matérias pedagógicas	Esses podem ter conteúdo lúdico ou não, seu objetivo está em uma aprendizagem específica.
11	Atividades propostas	São as ações que serão realizadas pela a criança através do brinquedo
12	Tema	São os assuntos utilizados no jogo
13	Área de desenvolvimento	Faz referência as áreas estimuladas pela a brincadeira como sociabilidade ou desenvolvimento motor
14	Idade aproximada	Descreve a faixa etária que o brinquedo indica ser apropriado

Fonte: Cunha (2007, p. 107-108). Adaptado pela autora.

Embora a classificação escolhida ou desenvolvida para a sistematização das brinquedotecas não sejam exatas ou sigam um padrão, é indiscutível sua importância na organização dessas instituições, para que essas tenham o controle e conhecimento de seu acervo e rotação de empréstimos.

3 BRINQUEDOTECA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E DE INCLUSÃO

Inclusão é um tema que vem ganhando força nos últimos anos, tanto a inclusão social com ideias como as de Paulo Freire, como a inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência. Araújo Silva (2011, p. 195) trata inclusão como uma forma de luta,

[...] essa luta exige esforço, compromisso, uma vez que a partir do momento em que a aceitam, sua responsabilidade é significativa. É uma luta que exige o movimento inclusivo. A inclusão constitui um movimento social que vem atender e incluir socialmente todos os cidadãos, proporcionando direitos iguais para todos.

A Educação Especial, por muito tempo, foi vista pela sociedade como obra de pessoas altruístas. Até hoje, é atribuído o sentido de assistência, não como educação de pessoas que possuem necessidades educacionais especiais. O desconhecimento das deficiências muito contribuiu para que as pessoas portadoras de deficiências fossem marginalizadas, pois durante muito tempo essas pessoas eram ignoradas por serem consideradas diferentes.

Os primeiros movimentos voltados para o atendimento de pessoas deficientes ocorreram na Europa, expandindo-se para os Estados Unidos, Canadá e outros países até chegar ao Brasil.

Na Europa os pioneiros nos trabalhos voltados para o atendimentos de surdos foram Jean-Paul Bonet, autor da primeira obra impressa, que se intitulava Redação das Letras e Artes de Ensinar os Mudos a Falar, em 1620 e o padre Charles M.Eppée que fundou, em 1770, a primeira instituição especializada para a educação dos “surdos-mudos” e inventou o método de sinais, na França em 1776. O padre Eppée publicou sua obra escrita mais importante, intitulada “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”. (MAZZOTA, 2005)

Mazzota (2005) afirma que, influenciados pelo trabalho do padre Eppée, o inglês Thomas Braidwood e o alemão Samuel Heineck fundaram, em seus

respectivos países, institutos para a educação de surdos-mudos, sendo esse último, inventor do hoje denominado método 'leitura labial ou leitura oro facial. Em 1784, em Paris, Valentim Haüy fundou o Instituto Nacional dos jovens cegos onde utilizava letras em relevo para ensinar. Seguindo o modelo de Haüy outras escolas para cegos foram abertas na França e em outros países da Europa.

Em 1829, Louis Braille, que era aluno do Instituto Nacional, adaptou um código militar escrito, que visava à comunicação noturna no campo de batalha, para as necessidades dos cegos. Esse código foi criado pelo oficial do exército francês Charles Babier. O método foi denominado de braille e até hoje não apareceu nenhum outro mais eficiente e útil para leitura e escrita usado pelas pessoas cegas. "Contando hoje com uma simbologia específica para Matemática, Música, Química, Física, mais do que um "código", este importante meio de leitura e escrita compõe o *sistema braille*" (MAZZOTTA, 2005, p.20).

Ainda de acordo com Mazzotta, inicia-se também nesse começo do século XIX o atendimento educacional aos deficientes mentais, pelo médico Jean Marc Itard, sendo "reconhecido como a primeira pessoa a usar métodos sistematizados para o ensino de deficientes ou retardados mentais" (2005, p. 20)

Tais métodos foram ampliados por seu aluno Edward Seguin, que criou o primeiro internato público da França para crianças retardadas. Imaginou um currículo para elas e desenvolveu "amplos materiais didáticos pedindo aos professores que seguissem seus processos de treinamento sistemático, de modo sistemático. Usava, ainda, as cores, música e outros meios para motivar a criança" (MAZZOTTA, 2005 p.21).

Uma educadora e médica italiana que teve grande contribuição na evolução da educação especial com o aprimoramento dos processos de Itard e Seguin foi Maria Montessori. Como educadora, ela desenvolveu:

Um programa de treinamento para crianças retardadas mentais nos internatos de Roma. [...] enfatizou a "autoeducação" pelo uso de materiais didáticos que incluíam, dentre outros, blocos, encaixes, recortes, objetos coloridos e letras em relevo. Definiu dez regras de educação que parecia considerar adequadas tanto a crianças normais em idade pré-escolar, como a crianças treináveis, em idade escolar (MAZZOTA, 2005 p.22).

Para Alice Descoedres, médica Belga que elaborou uma proposta de currículo para pessoas com retardo mental leve, o ambiente natural deveria ser

utilizado para o desenvolvimento de atividades educativas, onde instruções tanto individuais como coletivas fossem usadas, focalizando deficiências cognitivas e sensoriais.

Como afirma Mazzota (2005), o primeiro instituto para crianças cegas foi fundado em 1829, em Massachusetts, mas só começou seu funcionamento em 1832 fazendo o atendimento a apenas seis crianças, mesmo ano em que é fundada uma escola para cegos em Nova York. Em 1837 é fundada a primeira escola para cegos, totalmente subsidiada pelo Estado, dando assim grande salto para que a sociedade perceba a obrigação do Estado para com a Educação Especial.

No final do século XIX, nos Estados Unidos, se inicia os programas de externatos, em substituição das escolas residenciais que atendiam aos deficientes mentais. É, então, aberta a primeira classe especial diária para pessoas portadoras de retardo mental, em 1896, em Rhode Island. Mais tarde, em Chicago, cria-se a primeira classe para cegos e a primeira escola pública para aleijados, em 1900. (MAZZOTTA, 2005).

Em 1940, os pais de crianças com paralisia cerebral iniciam um movimento que levou à fundação de uma organização para levantamento de fundos para os centros de tratamento e pesquisas. Incentivavam ainda organizações governamentais para a elaboração de uma legislação voltada para a garantia de recursos para pesquisa, tratamento e formação profissional.

Dez anos depois, os pais de crianças com desenvolvimento mental retardado começaram a se organizar na luta para a inclusão dessas crianças e jovens nas escolas públicas. Surge daí a *National Association for Retarded Children* (NARC), que exerceu grande influência em muitos outros países, inspirando o Brasil à criação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs). (MAZZOTTA, 2005).

No Brasil, a história da Educação Especial não se deu muito diferente do que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos. Durante muito tempo, os serviços para atender a pessoas com qualquer tipo de deficiência, física ou mental, eram caracterizados por iniciativas isoladas.

Em 1854, foi fundado o Imperial Instituto para Meninos Cegos, que no ano de 1890, no governo republicano, mudou de nome para Instituto Nacional dos Cegos, pelo Decreto nº 408. Porém, em 1891 a escola passou a chamar-se Instituto Benjamim Constant, “em homenagem ao seu ilustre e atuante ex-professor de

Matemática e ex-diretor, Benjamim Constant Botelho de Magalhães” (MAZZOTTA, 2005 p. 28).

O Imperial Instituto dos Surdos-Mudos teve sua fundação em 1857, no Rio de Janeiro, contando com grande influência de Hernest Huet, francês que, aos 12 anos, ficou surdo e trouxe para o Brasil a linguagem de sinais francesa.

Até 1950 havia quarenta estabelecimentos de ensino regular mantidos pelo poder público, sendo um federal e os demais estaduais, que prestavam algum tipo de atendimento escolar especial a deficientes mentais. Ainda, catorze estabelecimentos de ensino regular, dos quais um federal, nove estaduais e quatro particulares, atendiam também alunos com outras deficiências. (MAZZOTTA, 2005 p. 28).

As iniciativas oficiais de âmbito nacional vão ocorrer no período de 1957 a 1993, quando o atendimento aos portadores de deficiência foi assumido pelo Governo Federal com a criação de campanhas voltadas especificamente para este fim. A pressão exercida por grupos organizados por portadores de deficiência tem mostrado eficácia nas conquistas efetivadas na elaboração da legislação que se evidencia na Constituição Federal de 1988 e nas Constituições Estaduais a partir dela. Assim, é notável perceber o quão importante é a força da luta dos pais e organizações para as mudanças no atendimento às pessoas com necessidades especiais e a sua inclusão no meio educacional e social.

“A inclusão diz respeito a cada pessoa ser capaz de ter oportunidades de escolha e de autodeterminação. Em educação, isso significa ouvir e valorizar o que a criança tem a dizer, independentemente de sua idade ou de rótulos” (MITTLER, 2003, p. 17). Desse modo, “o conceito de inclusão requer um repensar das políticas públicas, e no que se refere à educação, uma mudança na ideia de que as origens das dificuldades de aprendizagem estão localizadas na criança.” (MITTLER, 2003, p. 25).

Não podemos esquecer que a escola é reflexo da sociedade na qual está inserida. Assim, o conceito de inclusão escolar passa por uma mudança de paradigmas no próprio seio da sociedade. A escola sozinha não tem como resolver as questões relativas à inclusão, embora muitas ações possam por elas próprias serem desenvolvidas. Portanto, é necessário que haja uma mudança sistemática e uma política nacional de inclusão.

O movimento de pessoas portadoras de deficiência unido à organização de pais e mães foi, e é, fundamental para a demanda pela educação inclusiva.

Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é que precisa ser capaz de atender as necessidades de seus membros. O desenvolvimento (por meio da educação, reabilitação, qualificação profissional etc.) das pessoas com deficiência deve ocorrer dentro do processo de inclusão e não como um pré-requisito para estas pessoas poderem fazer parte da sociedade, como se “precisassem pagar ‘ingresso’ para integrar a comunidade” (SASSAKI, 1997, p. 40).

De acordo com Sassaki, a passagem do século XX para o século XXI marca a transição da integração (tida como inserção) para a inclusão onde esta tem como significado a “modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania” (1997 p. 42).

Acompanhando o movimento mundial pela educação inclusiva a política de educação especial no Brasil passa por mudanças conceituais e estruturais fazendo com que a educação nacional ganhasse “definições particulares quando voltadas aos sujeitos que constituem o público-alvo das políticas de educação especial” (GARCIA, 2013, p. 101).

Houve uma ampliação do público alcançado pela política educacional, segundo Machado e Vernick (2013), pois no decorrer dos últimos anos, a legislação brasileira foi modificando o termo usado para referir-se ao público-alvo da modalidade educação especial, passando de “portadores de deficiência” (Constituição Federal, 1988) para alunos com “necessidades especiais”, como explicita a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996.

A inclusão dentro do ambiente educacional é defendida por lei. A Constituição Federal de 1988 incorporou o decreto 6949/2009 da Convenção sobre os direitos humanos das pessoas com deficiência da ONU. O artigo 24 diz:

[...] os estados partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência à educação. Para realizar este direito sem discriminação e com base na igualdade de oportunidade, os estados partes deverão assegurar um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida, com os seguintes objetivos: a. O pleno desenvolvimento do potencial humano e do senso de dignidade e autoestima, além do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos, pelas liberdades fundamentais e pela diversidade humana; b. o desenvolvimento máximo possível da

personalidade e dos talentos das pessoas com deficiência, assim como de suas habilidades físicas e intelectuais; c. a participação efetiva das pessoas com deficiência em uma sociedade livre. (ONU, 2006)

De acordo com o MEC (2008), com a Política Nacional de Educação Especial/2008, a educação inclusiva passa a constituir assim um paradigma educacional que se fundamenta na concepção de Direitos Humanos, em que igualdade e diferença são valores indissociáveis.

A Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2008).

No contexto de seus objetivos, a política estabelece que seja garantida a transversalidade da educação especial desde a educação infantil; atendimento especializado; continuidade da escolarização e acesso a níveis mais elevados de ensino; acessibilidade universal; formação continuada de professores para o Atendimento Escolar Especializado (AEE) e formação profissional para a inclusão escolar.

O Estado Brasileiro assume o modelo de inclusão total que é afirmado na Política Nacional de Educação Especial (PNEE) e “essa concepção pressupõe a inclusão de todos na escola e reestruturação desta em função de cada necessidade que surge” (Brasil, 2008 p. 61).

Durante muito tempo perdurou a concepção de que a educação especial organizada, paralela à educação regular, seria a melhor forma para atender os alunos que apresentava deficiências, o que exerceu grande impacto na história da educação especial. Para Garcia, “a perspectiva inclusiva não considera a possibilidade de atendimento educacional segregado, divulgado como aquele que ocorre exclusivamente em instituições não regulares em relação ao sistema educacional” (2013 p. 108). Pressupõe-se, assim, que o AEE seja realizado nas escolas regulares das redes de ensino e em Salas de Recursos Multifuncionais, com recursos e professores específicos.

É importante ressaltar que as Salas de Recursos Multifuncionais devem se constituir “como ambientes dotados de equipamentos de informática, mobiliários e materiais didáticos pedagógicos” (SANTOS, 2012, p. 13), devidamente adaptados,

para atender a oferta de Atendimento Educacional Especializado na escola regular. Este atendimento como uma das premissas da Educação Especial Inclusiva é, como coloca Garcia “representativo da modalidade educação especial em sua versão não substitutiva ao ensino regular, mas com características de complementação e suplementação” (2013 p. 109).

No processo de educação especial inclusiva, não basta receber o aluno com deficiência e colocá-lo em sala de aula. Isso por si só não significa nem garante a inclusão. Faz-se necessária a preparação do docente para que ele conheça o tipo de deficiência do aluno e a história de vida.

Os sistemas de ensino precisam garantir que a Educação Especial, na perspectiva inclusiva, se efetive na prática e no cotidiano escolar, e para isso,

[...] devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliários – e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações. (BRASIL, 2008).

Portanto, a educação especial precisa integrar a proposta pedagógica da escola regular, de forma a atender às necessidades educacionais especiais dos alunos para que os princípios de inclusão se concretizem. Para tanto, se faz necessária a elaboração, por toda a comunidade escolar, com a participação de pais, alunos, professores, funcionários e especialistas, de um projeto pedagógico que atenda aos requisitos necessários para a transformação da escola em espaço de inclusão educacional e social.

3.1 Sociabilidade no brincar

Desde a primeira infância, somos rodeados de vários tipos de brinquedos e, sendo a brinquedoteca um espaço para o brincar, porque não aproveitar esses momentos de ludicidade para ajudar o desenvolvimento social infantil? “O brincar é fundamental para o nosso desenvolvimento e é a principal atividade das crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência.” (MACEDO, PETTY, PASSOS, 2005, p. 13).

O brinquedo tem grande importância no processo de socialização da criança. Segundo Brougère (2006), assim como os círculos humanos, os objetos permitem múltiplas interações. E, no caso da criança, muitas dessas interações tomam forma de brincadeira. Como destaca Cunha (2007, p. 36), “Os brinquedos são convites ao brincar desde que provoquem vontade de interagir. Por exemplo, um ursinho nos convida a abraçá-lo, uma bola nos convida a jogar e um quebra cabeça nos convida a monta-lo.” Brougère (2006) completa afirmando que esse comportamento pode ser identificado como brincadeira na medida em que não se origina de nenhuma obrigação, senão daquela que é livremente consentida, não parecendo buscar nenhum resultado além do prazer que a atividade proporciona.

“A brincadeira, seja simbólica ou de regras, não tem apenas um caráter de diversão ou de passatempo. Pela brincadeira, a criança, sem intencionalidade, estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento individual quanto para o social.” (CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 5)

Através de jogos em grupo, as crianças trabalham comportamentos de cooperação, disciplina, respeito, sendo uma forma de construir coletivamente o conhecimento.

Vygotsky afirma que,

[...] no brinquedo a criança segue caminho de menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer- e ao mesmo tempo, aprende a seguir caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras. (1994, p. 130).

Ao cercar as crianças com objetos, no caso, os brinquedos, esses se tornam ponto essencial no processo de socialização da criança, pois, conforme Brougère (2006), é por meio deles que a criança constrói suas relações com o objeto, relações de posse, de utilização, de abandono, de perda, de desestruturação, que constituem, na mesma proporção, os esquemas que ela reproduzirá com outros objetos na sua vida futura.

Podemos perceber que, apesar de o brinquedo ser um instrumento para a prática lúdica, também tem forte fator de socialização. É como o autor acrescenta, “o brinquedo é portador de uma multiplicidade de relações em potencial” (BROUGÈRE, 2006, p. 66).

Sendo o brinquedo um artigo importante nas práticas infantis, é preciso estar atento ao desenvolvimento global da criança, o lado social, cognitivo e motor.

Na sua influência para com o desenvolvimento infantil, o brincar pode ser utilizado como uma ferramenta para estimular déficits e dificuldades encontradas em alguns aspectos desenvolvimentais. Entretanto, os profissionais que lidam com estas crianças devem estar atentos ao desenvolvimento global infantil e não se deterem a aspectos isolados, uma vez que todos os aspectos estão interligados e exercem influências uns para com os outros. (CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 8).

O processo de socialização e formação da cidadania tem seu início na infância, a partir do grupo familiar (SOUZA, 2012). Conforme a autora, é principalmente com a família que a criança aprende valores sociais e culturais e tem uma compreensão acerca do contexto social em que vive por meio de brincadeiras e jogos. Se essa criança estiver em um meio social suscetível à violência e aos maus tratos, a brinquedoteca, nesse caso, a comunitária, passa a ser o espaço ideal para o desenvolvimento e fortalecimento dos laços familiares e passa a atuar como facilitador no processo de inclusão social.

É preciso que o trabalho realizado nas brinquedotecas seja reconhecido como essencial no desenvolvimento infantil. Pois as ações não são apenas notáveis no desenvolvimento cognitivo ou intelectual, mas também social, pois o trabalho com jogos oferece um rico arsenal de possibilidades, contribuindo para a construção de relações sociais cuja direção é aprender a considerar limites e agir de forma respeitosa. (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2005, p. 25)

Vale ressaltar que, “apesar dos usos dos brinquedos na socialização serem importantes, ela não deve ser condicionada a esse objeto, é preciso ver que a brincadeira aparece como fator de assimilação de elementos culturais” (BROUGÈRE 2006, p. 74).

Diante disso é de grande valor que os jogos e brinquedos sejam mais diversificados para assim aumentar as possibilidades de crescimento e desenvolvimento através da ludicidade destes.

3.2 O profissional brinquedista

Por meio do brinquedo e da brincadeira, as crianças aprendem e desenvolvem diversas facetas, seja de forma social, motora ou cognitiva. Para usar esses instrumentos - os brinquedos - de forma direcionada a desenvolver especificamente cada uma dessas facetas, é importante ter um mediador para isso,

alguém que conheça o acervo de jogos e brinquedos e saiba utilizá-los pedagogicamente às necessidades do público. Esse é o profissional brinquedista.

De acordo com SAKAMOTO, o brinquedista

É um profissional que atua na realidade concreta das crianças, participa e intervém na rotina das instituições, colabora com os processos de adaptação delas ao ambiente e pode enriquecer o desenvolvimento infantil, mesmo sem aperceber de que o faz. É um profissional que pode exercer um papel de relevância afetiva, já que é capaz de compartilhar as experiências subjetivas em níveis existenciais profundos e possibilitar a emergência de aspectos importantes da individualidade daquele que brinca. No relacionamento ampliado com a criança, o brinquedista expande os limites da troca interpessoal, permitindo que a realização das atividades lúdicas expresse o conjunto da subjetividade e dê oportunidade para a criatividade. (2010, p. 420)

Toda a equipe formadora da brinquedoteca deve receber capacitação e, principalmente, preocupando-se em dar apoio ao desenvolvimento social e intelectual das crianças.

Para motivar as crianças na utilização do espaço do brincar, é necessária uma equipe competente e comprometida. Nesse sentido, Cunha (2007) salienta que para uma brinquedoteca funcionar da melhor forma possível é importante que a equipe profissional seja formada por pessoas alegres e afetuosas. A parte técnica é ensinada através de cursos e, embora seja essencial, o lado humano é mais significativo na composição da equipe, pois é preciso ter aptidão para exercer a profissão. Outro ponto apontado pela autora citada é que reuniões devem fazer parte da rotina do grupo para discutir o trabalho realizado e sempre deixar os funcionários motivados em se aperfeiçoar.

No cumprimento das funções de um brinquedista, existem profissionais de diversas áreas como pedagogos, educadores físicos, psicólogos e bibliotecários. Embora não haja uma formação primeira exigida para ser brinquedista, é importante que esse profissional tenha conhecimento sobre temas múltiplos como: educação, cidadania, psicologia e técnicas referentes à seleção e classificação de brinquedos e jogos. Uma vez que “O brinquedista, por meio do lúdico, toca o intocável, revela o oculto, ensina o que não depende de técnicas, participa da construção da criança como pessoa, precisa sendo assim, estar apto a utilizar muitos saberes” (SAKAMOTO 2010 p. 418).

Conforme aponta Bomtempo (2005), o brinquedista exerce de fato seu papel quando resgata a capacidade de brincar que o sistema escolar tradicional tanto desprezou, pois, apesar de saber o conceito cognitivo do brincar, é apenas brincando (já que a brincadeira só existe na ação) que ele mostra sua maior função.

Como cada tipo de brinquedoteca tem suas particularidades, o brinquedista deve se moldar a essas características e estar disposto a lidar com vários públicos. Conforme Cunha (2007), o brinquedista irá assumir o papel de “facilitador das relações familiares”, pois muitas vezes os pais podem querer influenciar a escolha das crianças ao preferir objetos mais caros ou mais educativos – em sua visão, mas a decisão deve partir da criança, pois essa liberdade de opção é um exercício de independência.

É importante que o brinquedista se coloque como um mediador, criando um ambiente em que a criança se sinta aceita e ele brinque com ela, contudo deve se comportar como o profissional que é, aquele que supervisiona e passa confiança, sendo um adulto que sabe jogar como criança. Como disse Rodrigues *apud* Cardozo, o brinquedista, assim como o professor,

[...] deve sempre com alegria e entusiasmo; colocar-se quando necessário ao nível da condição infantil, porém, ser ele o educador; atuar com justiça, evitando preferências individuais; saber deixar as crianças jogarem sem sua intervenção, quando essa não for necessária; ganhar e merecer confiança das crianças, prestar atenção a todas e a cada uma; não permitir que as crianças façam trapaças; usar o estímulo e a tolerância como as melhores armas educativas (1992, p. 61).

Trazendo essa aproximação entre brinquedo e aprendizagem, o brinquedista também age como educador.

Educar não se limita a repassar informação ou mostrar apenas um caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade [...] É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar (SANTOS, 1999, p. 11).

Sua função não está em supervisionar ou apenas repassar informações, mas proporcionar às crianças oportunidades de desenvolvimento, pois ao usar o lúdico, a criança aprende de forma prazerosa e natural.

Vale ressaltar que,

O brinquedista é aquele que ao mediar o imaginário infantil, oferecendo proteção e liberdade de expressão, simultaneamente favorece à criança oportunidade da situação de descoberta e o desenvolvimento da inventividade, e colabora na importante construção do futuro de pessoas adultas saudáveis, capazes e felizes. (SAKAMOTO, 2010. p. 422).

É notável que essa ocupação tem grande valor para o desenvolvimento de crianças, mas apesar disso, a profissão ainda não é tão reconhecida. A educação formal deve adequar seus currículos de modo que tenha conteúdos que abordem a temática para criar mais demanda de cursos de formação preenchendo a lacuna desta área e formando profissionais sérios que atendam às demandas e exigências do mercado de trabalho.

Pouco vai adiantar uma brinquedoteca bem equipada com uma diversidade de brinquedos e jogos se o profissional que lá se encontra não explorar ou estimular crianças e jovens, e por que não dizer adultos, que fazem uso desse espaço.

Ainda não há uma regulação em relação à formação anterior do profissional responsável pela brinquedoteca, no entanto, espera-se que seja alguém que tenha conhecimento acerca do desenvolvimento infantil e dos recursos lúdicos adequados para cada idade.

Partindo-se do princípio de que a brinquedoteca é um espaço para o brincar livre e espontâneo das crianças de modo que estas tenham um desenvolvimento sadio em todos os aspectos, a ABBri afirma que os organizadores e/ou gestores desse espaço podem ser pedagogos, bibliotecários, psicólogos, arte-educadores, artistas, músicos, entre outros profissionais habilitados a lidar com a infância e em promover a criatividade e a autonomia das crianças.

No Estado do Ceará, dois fatos merecem destaques para o impulsionamento da criação de brinquedotecas, um estadual, que levou à criação de brinquedotecas pedagógicas, e um nacional que leva à instituição das brinquedotecas hospitalares.

O Projeto Ceará Cresce Brincando do Programa de Brinquedotecas Públicas Municipais, da Associação das Primeiras Damas Municipais do Ceará (APDMCE), levou à criação, a partir de 2007, de brinquedotecas municipais em vários municípios cearenses, onde os responsáveis por essas brinquedotecas eram educadores sociais após passarem por um curso de formação de 220 h/a.

Esses educadores receberam capacitação nas áreas de brinquedo, teatro, leitura, relações pessoais e como manter e utilizar os espaços das brinquedotecas e seus arredores, como praças, quadras de esportes e as próprias casas das crianças.

A Lei nº 11.104/2005 de 21 de março de 2005 instituiu a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas em unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico no Brasil. Com isso as brinquedotecas passam então a se constituírem, além de um espaço lúdico, pedagógico e político, um espaço terapêutico (BERNARDES *et al*, 2014).

As brinquedotecas hospitalares apresentam-se a partir de então como espaço para a atuação de outros profissionais, dentre eles o terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, além de ampliar a área de atuação para pedagogos, psicólogos, educadores físicos e claro, bibliotecários.

A atuação dos profissionais deve adaptar-se ao objetivo da brinquedoteca, seja ela pedagógica ou hospitalar, pois os objetivos específicos e suas funções vão diferir, embora o objetivo geral seja desenvolver atividades lúdicas e valorizar o brincar.

A brinquedoteca pedagógica visa propiciar melhor desenvolvimento infantil, facilitar a aprendizagem e promover apoio psicopedagógico, favorecendo a indicação de brinquedos e jogos que facilitem o desenvolvimento escolar (SANTOS; MARQUES; PFEIFER, 2006).

Já as brinquedotecas hospitalares apresentam como objetivo,

Atenuar os efeitos negativos que a criança sofre durante a hospitalização, como a ruptura do cotidiano, a privação do brincar, o afastamento do núcleo familiar, o medo e a ansiedade devido a procedimentos médicos, fazendo com que a criança expresse e elabore seu sofrimento de forma lúdica, convivendo com outras crianças e desempenhando seu principal papel ocupacional: o brincar (SANTOS; MARQUES; PFEIFER, 2006 p. 91).

Assim, tanto a brinquedoteca hospitalar como a pedagógica devem favorecer a construção do brincar livre em si mesmo, bem como utilizá-lo como meio de favorecer a socialização e estímulos sensório-motores.

Ao pedagogo, dentro de uma brinquedoteca, cabe possibilitar à criança a construção de novos conhecimentos de forma prazerosa por meio do lúdico, levando em conta que “o brincar é uma atividade própria da criança, a porta pela qual ela

entra em contato com outras pessoas e com coisas, um instrumento para a construção coletiva do conhecimento” (SILVÉRIO; RÚBIO, 2012, p. 15).

Os profissionais da Psicologia têm sua atuação voltada para as necessidades emocionais daqueles que assistem. Através das brincadeiras as crianças e adolescentes são levadas ao desenvolvimento do equilíbrio e a lidar com emoções.

Na brinquedoteca hospitalar, auxiliam na minimização do sofrimento das crianças e adolescentes hospitalizados bem como promovem uma relação saudável entre todos os envolvidos no processo de internação (SILVA; PAULA, 2015).

O terapeuta ocupacional é um profissional que também tem espaço para atuação em brinquedotecas, sejam pedagógicas ou hospitalares, pois segundo Santos, Marques e Pfeifer (2006, p. 98), “está apto a identificar as preferências lúdicas da criança e favorecer uma interação social através de situações lúdicas”. Pode, portanto, analisar e avaliar o brincar e planejar as intervenções necessárias, obtendo informações sobre as competências cognitivas, motoras e sociais da criança.

Na brinquedoteca, a fisioterapia é uma competência exclusiva do terapeuta ocupacional e/ou fisioterapeuta, pois esses têm a habilidade de desenvolver atividades de brincar e utilizar os brinquedos como recursos terapêuticos-ocupacionais na assistência ao ser humano em suas capacidades motoras, mentais, emocionais, percepto-cognitivas, cinético-ocupacionais e sensoriais, em todos os níveis de atenção à saúde, como reconhece a Resolução 324/2007 do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO).

Quanto ao profissional de Educação Física, o Conselho Federal de Educação Física confere a atuação de forma efetiva para a conquista de um estilo de vida ativo dos seus beneficiários, desenvolvendo a promoção de saúde e ocupação saudável do tempo livre.

O profissional de Educação Física precisa ter uma compreensão diferenciada do corpo da criança e adolescente, seus limites e possibilidades para determinar as características de sua atuação nas brinquedotecas pedagógicas e/ou hospitalares, ressaltando sempre a importância de levar crianças e adolescentes a refletirem sobre a relação da Educação Física com o cotidiano.

A brinquedoteca é um espaço lúdico e bastante rico que deve ser explorado em parceria com o bibliotecário, pois a possibilidade de “atrair a atenção

da criança/aluno é característica fundamental dos profissionais que usam a ludicidade como método de ensino, sendo estes ambientes propícios para a primeira leitura e contato com o livro” (BUENO; STEINDEL, 2006, p. 14). O bibliotecário deve atuar como estimulador do processo lúdico através do livro e da leitura pela utilização desses instrumentos na brinquedoteca.

A brinquedoteca, como podemos ver, não é um espaço exclusivo de um profissional, já que nela podem atuar profissionais de diversas áreas.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para traçar os percursos metodológicos é preciso compreender que o método é uma ferramenta utilizada de forma lógica e organizada para chegar a um determinado fim científico. Para Richardson, “o método científico é o caminho da ciência para chegar a um objetivo.” (2012, p. 22). Por isso, o planejamento se mostra tão importante.

No desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizado um dos métodos específicos das ciências sociais, o funcionalismo, que defende que toda atividade cultural e social desempenha suas funções de forma indispensável. De acordo com Lakatos e Marconi, o método funcionalista é “mais um método de interpretação do que de investigação” (1991, p. 110), pois vê a sociedade com atividades organizadas em total funcionamento.

O funcionalismo considera, de um lado, a sociedade como uma estrutura complexa de grupos ou indivíduos, reunidos numa trama de ações e reação sociais; de outro, como um sistema de instituições correlacionadas entre si, agindo e reagindo uma em relação as outras [...] o papel das partes nesse todo é compreendido como funções no complexo de estrutura e organização.” (LAKATOS; MARCONI, 1991 p. 110).

Esse método foi escolhido pelo fato dos locais, brinquedotecas, se tratarem de um ambiente social com ações realizadas cotidianamente, além de considerar a importância do conhecimento empírico.

O tipo de pesquisa utilizado no desenvolvimento deste estudo é o exploratório, que geralmente se utiliza de levantamento bibliográfico e entrevistas não padronizadas para explorar um conteúdo. De acordo com Gil (2008, p. 27) pesquisas exploratórias,

[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral do tipo aproximativo, acerca de determinado fato. (...) constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

A pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa, pois usa elementos interpretativos, como análise de dados, observação de comportamento e conclusões de discursos.

Conforme Creswell, esse tipo de pesquisa sempre ocorre em um cenário natural, onde o pesquisador constantemente faz visitas ao local no qual se encontra o participante, pois “isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes” (CRESWELL, 2007, p. 186)

Como o pesquisador conhece o objeto de pesquisa profundamente, através de tais visitas, torna-se mais simples a construção de hipóteses, já que a pesquisa qualitativa proporciona que a subjetividade do autor seja parte do processo exploratório do tema.

4.1 Lócus da pesquisa

Para a escolha do lócus da pesquisa, a autora decidiu por dois lugares com realidades diferentes, um, a brinquedoteca de pesquisa e lazer da Universidade Federal do Ceará e, outro, uma biblioteca pública no Condado de Harford, em Maryland, Estados Unidos, local onde atualmente a autora reside.

A seguir, serão apresentados os projetos que fizeram parte do estudo empírico desta pesquisa.

4.1.1 Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer

A Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) na Universidade Federal do Ceará (UFC) existe desde 2003, e surgiu através de necessidade percebida pelo IEFES nos bairros que rodeiam o campus universitário.

Desta forma, a criação de um espaço estruturado para o brincar possibilita às crianças e adolescentes que moram próximo a IEFES - UFC mais uma opção de atendimento e, para a comunidade acadêmica (docentes, discentes e servidores), mais um suporte para pesquisa, estágio e trabalho, só que desta vez voltado ao lazer e ao lúdico. (ALMEIDA, 2010, p. 6).

Tem como objetivo principal ser um espaço de lazer e de formação acadêmica dos alunos da UFC. Agrupa uma série de projetos voltados para o desenvolvimento infantil através da ludicidade.

A Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer tem sua base em um dos direitos de todos os seres humanos: o direito de brincar. Partindo da ideia de que o brincar é uma necessidade e um direito de todo ser humano, o projeto brinquedoteca tem como princípio fundamental oferecer às crianças o acesso a esse direito. (SOUZA, 2010, p. 12).

A missão da brinquedoteca apresenta-se em três perspectivas. A primeira se coloca como um espaço estruturado para brincar, mas que seja transformador, um lugar onde as crianças possam crescer e se tornarem adultos conscientes para a construção de um mundo melhor. Na segunda perspectiva, procura resgatar a cultura popular, buscando a participação da comunidade, partilhando as experiências de ontem com o hoje, estabelecendo uma relação de troca de vivências. E por fim, na terceira perspectiva, a brinquedoteca tem como missão ser um instrumento mediador e catalisador de pesquisa no campo da pesquisa. (Almeida, online 2016)

Foto 3 – Projeto Brincar para Incluir



Fonte: BRINQUEDOTECA. Espaço Crê Ser. 2017.

Dentro da brinquedoteca também funciona o Laboratório de Brinquedos e Jogos (LABRINJO), um laboratório que busca fortalecer o vínculo entre teoria e prática pedagógica. Por meio dele, é possível aprender catalogação, demonstração, arquivamento e divulgação de fundamentações teóricas; análise, testagem, confecção de brinquedos e brincadeiras. Além de oferecer oficinas e cursos para o público fora da Universidade, agindo como projeto de extensão além de pesquisa.

De acordo com Almeida (2010), na soma de todos os projetos que existem na brinquedoteca contabiliza-se anualmente o atendimento 16.000 usuários, como informa o quadro a seguir:

Quadro 5 - Descritivo de público alvo direto que é beneficiado com as ações do projeto Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer

Publico Alvo	N° anual de atendimento direto
Crianças (4-9 anos)	10.000
Crianças (10-14 anos)	5.000
Crianças (15-17 anos)	1.000
Totais participantes atendidos diretamente	16.000

Fonte: ALMEIDA, 2010 p.8.

É importante mencionar que esse atendimento é realizado com crianças e adolescentes de baixa renda, em situação de exclusão e vulnerabilidade social e portadores de necessidades especiais. É inegável o quanto o projeto é significativo para a comunidade que o rodeia e para o meio acadêmico.

4.1.1.1 Projeto de extensão Brincar para incluir

O projeto *Brincar para incluir* faz parte do Centro de Estudo sobre Ludicidade e Lazer (CELULA), um conjunto de projetos de extensão do Instituto de Educação Física e Esportes-IEFES da Universidade Federal do Ceará.

Brincar para Incluir é um projeto de ação lúdica de intervenção com um espaço estruturado para brincar, onde as crianças, independentemente de suas condições motrizes, cognitivas, afetivas ou sociais possam manifestar suas

habilidades e competências lúdicas. Seu trabalho é realizado com grupos especiais: cego; baixa visão; autista; múltiplas deficiências; paralisia cerebral; cadeirante; surdo; síndrome de Down; TDAH; deficiência mental e distúrbio bipolar.

Foto 4 – Projeto Brincar para Incluir



Fonte: BRINQUEDOTECA. Espaço Crê Ser. 2017.

De acordo com o site do projeto, o “Brincar para Incluir” dentro da brinquedoteca do IEFES é um espaço lúdico de inclusão onde as crianças portadoras de deficiências manifestam seu brincar de forma espontânea e livre. Os jogos e brinquedos foram feitos pelos ludoeducadores utilizando os materiais reciclados e específicos para o conforto da criança. (BRINQUEDOTECA, 2017).

Marco Teodorico Pinheiro de Almeida, coordenador do projeto, apresenta-o como proposta de verificar certas mudanças comportamentais durante as atividades lúdicas através de jogos espontâneos, construção, fantasia e tabuleiros, junto com os acompanhantes, os professores e os ludoeducadores. Como alguns resultados, foram percebidos: tolerância, sensação de bem estar, segurança coletiva no espaço, aceitação dos jogos e brinquedos adaptados e uma grande capacidade de apropriação dos espaços da brinquedoteca.

O projeto brincar para incluir contribui de forma significativa para o ensino, pesquisa e extensão dos alunos de graduação e pós-graduação da UFC, possibilitando realizar no futuro pesquisas e trabalhos mais seguros e científicos com grupos especiais.

4.1.2 Biblioteca do Condado de Harford

O Condado de Harford é um dos 23 condados no estado de Maryland. Nele, podemos encontrar onze bibliotecas públicas, um escritório administrativo e dois veículos de divulgação das bibliotecas, atendendo a mais de 181 mil usuários registrados de todas as idades, e tem circulação anual de mais de 3,8 milhões. A primeira Biblioteca Pública do Condado de Harford foi fundada em 1948 e o grupo tem como objetivo conectar pessoas com informações e promover o gosto pela leitura na comunidade.

Com 70 anos de serviço, a biblioteca se classifica como progressista e inovadora oferecendo diferentes atividades sociais e culturais e é parte integrante do tecido econômico, educacional e social do Condado de Harford.

Duas bibliotecas públicas desse grupo possuem um profissional especializado em pessoas com necessidades especiais para atender a esse tipo de público. Existem alguns programas direcionados para crianças especiais, porém elas são bem-vindas em todos os tipos de atividades. Algo que recentemente mudou na biblioteca foi não mais colocar faixa etária em contações de histórias, mas sim, por nível de desenvolvimento, por exemplo, se o pai ou mãe quer trazer o filho cuja idade é 9 anos, mas seu desenvolvimento condiz com uma criança de 3, ele pode confortavelmente fazer parte do programa para crianças nessa faixa etária.

Existem diversos programas que unem o brincar e o aprender na biblioteca, como por exemplo:

Quadro 6 – Programas que unem o brincar e o aprender na biblioteca

Programas	Descrição
Play to learn (brincar para aprender)	Une várias brincadeiras guiadas que estimulam o desenvolvimento de habilidades leitoras além de receberem instruções para brincar e aprender em casa
Kids Create Art (Crianças criando arte)	Dividido em duas faixas etárias, esse projeto consiste em ler uma história para o público e após discussão, ceder material para que as crianças possam criar suas próprias artes
Tech Time (Hora da tecnologia)	Desenvolvido para pessoas acima de 7 anos, esse programa ensina ao público a transferir desenhos em 3D em reais objetos, pois pode-se usar a impressora 3D disponível na biblioteca.

Fonte: Elaborado pela autora.

A Biblioteca Pública tem grande interesse no brincar infantil, sendo uma das poucas no Estado de Maryland com o serviço de empréstimo de brinquedos.

Foto 5 – Biblioteca Pública do Condado de Harford



Fonte: Fotografias feitas pela autora.

O serviço funciona como o empréstimo de livros, a criança tem o direito de levar até três brinquedos para casa, a única diferença em relação ao livro é que com o brinquedo o prazo de retorno ou renovação é de 7 dias, enquanto que com o livro o prazo é de 3 semanas.

4.1.2.1 Projeto sensory time: Histórias e brincadeiras

O projeto criado por duas bibliotecárias existe há pouco mais de 10 anos. Baseia-se na contação de histórias de forma inclusiva, em promover artesanato, no brincar entre pais e crianças, e os irmãos são encorajados a participar juntamente com seus parentes com necessidades especiais. São oferecidas às crianças em idade pré-escolar e fundamental. Depois de cada sessão, há tempo para que crianças, pais e irmãos possam interagir e trocar experiências. Acontece uma vez por mês, no segundo sábado de cada mês pela manhã, em uma unidade, e em Outubro de 2017 foi iniciado na terceira quarta-feira do mês em outra unidade da biblioteca.

Sua didática se dá através de cinco curtos momentos, pois esses encontros têm duração média de 45 minutos. Inicialmente, é realizada a leitura de um livro. Na primeira vez, a história é contada para crianças usando instrumentos, e da segunda vez é pedido a ajuda das crianças sobre o decorrer da história e para utilizar os objetos. No segundo momento, uma música utilizando a linguagem de sinais é cantada. No terceiro momento, é utilizada uma caixa com várias miniaturas de objetos utilizados na contação de histórias, onde cada criança escolhe um objeto e deve dizer onde aquele objeto se encaixa na história. No quarto momento, as crianças são desafiadas a fazer um artesanato guiado, e no quinto e último momento elas podem brincar livremente com os vários brinquedos e materiais disponíveis nesse espaço.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para Demo “não há pesquisa apenas teórica, pois seria pura especulação” (2014 p. 24). Por isso, a coleta de dados é uma ferramenta tão importante para a construção de um trabalho acadêmico. Nesta pesquisa, utilizamos como um dos instrumentos de coleta de dados a observação participativa. Para Richardson (2012), toda investigação no campo social carrega a observação consigo. De acordo com Lakatos e Marconi (1991) a observação é uma fonte rica para a construção de hipóteses, a partir do olhar atento dos fatos e correlações existentes em um público.

O pesquisador passa a ser um participante da população estudada, o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado (RICHARDSON 2012).

Outra técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista estruturada, com perguntas previamente elaboradas. Richardson classifica a entrevista como “uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A para uma pessoa B” (2012, p. 207). Esse método permite colher informações não registradas em documento, fazendo parte do cotidiano apenas de quem vive a situação pesquisada.

Ludke (1986) traz um exemplo que se encaixa perfeitamente no tipo de pesquisa composto neste trabalho, quando se quer conhecer, por exemplo, a visão de uma professora ou a opinião de uma mãe sobre um problema do filho, é melhor se preparar para uma entrevista mais longa, mais cuidada e feita provavelmente com base em um roteiro.

5.1 Análise dos dados pesquisados

As informações obtidas para a realização desta pesquisa foram coletadas por meio de entrevista com perguntas previamente elaboradas dirigidas a funcionários e pais de ambos os projetos - Brincar para Incluir e *Sensory Story Time*.

Questões diferentes foram sugeridas aos dois grupos pesquisados, **porem** todas tinham como objetivo conhecer números relacionados aos projetos, dados a

respeito do trabalho desses profissionais, e se a brinquedoteca atua como espaço que ajuda no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais.

Por meio desses instrumentos de pesquisa, também foi possível conhecer como a participação de crianças nesses ambientes mudaram o comportamento das mesmas de alguma forma. E se esse pode ser um campo de atuação para o profissional bibliotecário.

5.2 Caracterização dos participantes da pesquisa

Dirigidas a três públicos distintos, os brinquedistas, para descobrir as competências necessárias no cargo dessa função, os pais de crianças participantes dos projetos, a fim de identificar mudanças no comportamento e desenvolvimento da criança após sua participação seja na brinquedoteca ou no projeto da biblioteca pública e para os coordenadores do espaço, a fim de conhecer alguns números relacionados ao projeto, tomar conhecimento de bons exemplos de mudança comportamental das crianças participantes e interpretar suas opiniões a respeito da inclusão de crianças com necessidades especiais na sociedade.

A sessão das entrevistas está dividida em dois momentos. Primeiro, iremos abordar as entrevistas realizadas na Brinquedoteca do IEFES, com (1) o coordenador da brinquedoteca, (1) bolsista do projeto Brincar para incluir e (1) mãe de uma criança participante do projeto. No segundo momento, discutiremos as entrevistas realizadas na Biblioteca Pública do Contado de Hardford com a coordenadora do projeto *Sensory Story Time*, uma pedagoga que também trabalha no projeto, e a mãe de uma criança participante.

5.3 Análise das entrevistas

5.3.1 Entrevista Projeto Brincar para Incluir

Quadro 7 – Descrição dos entrevistados do Projeto Brincar para Incluir

(continua)

Entrevistados	Descrição	Tempo de participação
Coordenador do Projeto Brincar para Incluir	Idealizador do projeto	Desde sua fundação em 2013

Quadro 7 – Descrição do entrevistado no Projeto Brincar para Incluir

(conclusão)

Entrevistados	Descrição	Tempo de participação
Bolsista do Projeto Brincar para Incluir	Estudante de Psicologia do 4º semestre	Estudante de Psicologia do 4º semestre
Mãe de criança participante do Projeto Brincar para Incluir	Aluna portadora de síndrome de down com 12 anos	Pouco mais de um ano

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando perguntado sobre alguns números a respeito do projeto, o coordenador, Professor Marcos Teodorico, nos disse que,

“a media anual de visitas no projeto brincar para incluir e de 3000 visitas e a faixa etária predominante de usuários esta entre 3 a 12 anos, porém, também recebemos visitas de “crianças” de até 30 anos...”

Ao ser questionado sobre quais são as diferenças mais relevantes identificadas entre as crianças que são estimuladas a brincar de outras que não são, nossos entrevistados disseram:

COORDENADOR - “Quando a criança brinca sistematicamente seja no brincar espontâneo ou dirigido ela potencializa diferentes habilidades no nível cognitivo, motriz, afetivo e social.”

BOLSISTA - “Se observarmos o papel do brinquedo no desenvolvimento infantil, podemos ver que o brincar exerce grande influência, estimulando as crianças a desenvolver atitudes necessárias tanto para a formação do indivíduo como para a vida em sociedade, como por exemplo: o raciocínio, a competição, a solução de problemas, dentre várias outras.”

Foi ainda percebido que o brinquedo é um elemento que amplia o repertório de vida da criança ao fortalecer sua autonomia e capacidade criativa, além de despertar solidariedade e consciência coletiva.

COORDENADOR - “Durante o ato de brincar, percebemos que quanto mais rica e qualificada for à experiência/vivência lúdica, maiores serão os caminhos, possibilidades e alternativas que a criança terá para estruturar seu pensamento, criar estratégias de ação, potencializar seus recursos motrizes, alcançar objetivos e fortalecer vínculos afetivos e sociais enriquecedores e saudáveis.”

Como um dos objetivos deste trabalho é mostrar que a brinquedoteca tem grande importância no desenvolvimento de crianças especiais e como gostaríamos

de ter um exemplo prático e real, perguntamos se alguns exemplos poderiam ser apontados, porém o coordenador nos disse que essa é uma pergunta difícil de responder, pois muitas visitas são aleatórias e sem continuidade, e as poucas oportunidades que tiveram com intervenções contínuas foram com a Escola ARAM, sobre a mesma, ele ressalta:

COORDENADOR - “Alguns resultados foram percebidos no comportamento social, afetivo, intelectual e motriz como: aceitação do outro, interação, tolerância, alegria, representações simbólicas de afeto e cuidado, resolução de problemas e expressão de linguagem oral. Algumas crianças exploram todo o espaço enquanto outras, passam toda a visita em um mesmo lugar. Os quebra-cabeças que estimulam desafios mentais são utilizados por eles e sempre que conseguem realizar a tarefa expressavam sua alegria com palmas e gritos. Os brinquedos sonoros são utilizados pelas crianças cegas e também pelas crianças com outras necessidades.”

O Coordenador destaca, ainda, que por meio de conversas com as professoras da Escola ARAM foi descoberto que uma aluna que nunca manifestava emoções na escola, mudou o comportamento, interagindo e se divertindo, depois de algumas visitas a brinquedoteca, mostrando que esse realmente é um espaço de transformação.

BOLSISTA - “Não acompanhamos uma turma específica por muito tempo sendo as visitas esporádicas, mas de acordo com relatos das professoras e acompanhantes das crianças, elas são mais introspectivas na escola ou clínica que frequentam do que quando visitam a brinquedoteca.”

A mãe da participante, disse que é notável a mudança do comportamento da filha sempre que ela volta de uma visita a brinquedoteca:

MÃE - “Ela volta muito feliz, não é muito de conversar, mas das vezes que visitou o projeto volta empolgada para me contar o que aconteceu, então eu acredito que pelo menos socialmente o projeto ajuda a minha filha a se desenvolver.”

E, embora que notavelmente contente, as brincadeiras em casa não mudaram muito, porque

MÃE - “...na brinquedoteca ela tem muito mais opção e minha relação com ela e a mesma, a diferença e que ela voltou mais falante depois da visita ao projeto”

Ao ser perguntada quais brinquedos a criança possui em casa e se algum brinquedo foi adquirido após as visitas à brinquedoteca, tivemos uma resposta curiosa que demonstra uma certa maturidade da criança ao saber o propósito do projeto, como no grifo a seguir:

MÃE - “Eu sempre tentei dar brinquedos para ela que de alguma forma ajudasse no desenvolvimento como: quebra cabeças, jogo da memória, mas também brinquedos de uso recreativo como bola e boneca. Nenhum brinquedo foi adquirido depois do projeto, pois **ela mesma me disse que os brinquedos do projeto são para ser usados naquele espaço**. Ela me disse que o brinquedo que mais chamou atenção foi uma espécie de toca, caverna, em que ela entrou e se sentiu especial, pois ela era a única pequena o suficiente para entrar lá.” (grifo nosso)

Ainda sobre as reações causadas na criança, após conhecer a Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer, questionamos se por meio de conversas e atitudes, a mãe percebe se criança gosta de fazer parte do projeto Brincar para Incluir.

MÃE - “Ela gosta muito e sempre volta extremamente feliz, às vezes em que foi, ela me disse que numa próxima visita quer uma câmera para fotografar dois dos ludos educadores que ela conheceu no espaço. No mesmo dia em casa, estávamos assistindo televisão e ela me chamou atenção, pois estava passando um comercial de um brinquedo que ela havia usado no projeto, então eu percebi que aquilo estava trabalhando a cabeça dela de alguma forma.”

Após o relato positivo da mãe, a curiosidade de saber como de fato funciona a didática das atividades durante as visitas do projeto surgiu: se as atividades são planejadas a cada dia ou se as crianças podem brincar livremente. O professor coordenador nos disse que são usadas metodologias ludiformes variadas.

COORDENADOR - “Durante a visita na Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer as crianças usam seu livre arbítrio. Basicamente quando acolhemos os visitantes dividimos em três momentos: 1) Roda de conversa inicial para explicar o que significa este espaço e compartilhar as regras/combinados da Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer; 2) Apropriação do espaço da Brinquedoteca de Pesquisa e Lazer de forma livre/espontânea; 3) Roda de conversa final para reflexão e avaliação da experiência lúdica.”

BOLSISTA - “Nós, como ludoeducadores somos orientados a mediar, estimular e reconstruir nos visitantes suas potencialidades e habilidades com o mínimo de padronização do brincar, apenas quando necessárias intervenções lúdicas sutilmente induzidas.

Nossa ideia é criar, ampliar e estimular o repertório lúdico qualificado e intenso.”

COORDENADOR - “Na Brinquedoteca o brincar espontâneo é sempre predominante nas visitas (principalmente com crianças de 3 a 10 anos). Nós apenas organizamos os ambientes da brinquedoteca para atender e estimular adequadamente a qualidade, a intensidade e trajetória lúdica dos usuários da brinquedoteca. Lógico que suas necessidades motrizes, afetivas, sociais e biológicas são consideradas e respeitadas.”

Apesar de alegrar o dia de quem passa pela brinquedoteca, esta encontra algumas dificuldades de funcionamento

COORDENADOR - “A falta de recursos financeiros próprios (Dependemos sempre da ajuda do Governo Federal); A falta de pessoal (bolsistas); Não ter recursos humanos fixos ou efetivos (servidor federal concursado); Manutenção e reposição do acervo lúdico.”

Algo que chamou a atenção da pesquisadora e também pode ser considerada uma dificuldade, foi que os bolsistas e funcionários do espaço não tiveram uma motivação primeira para começar o trabalho, ou um curso preparatório de como agir ou lidar com o público. Segundo o bolsista entrevistado, ele foi lotado com a bolsa de iniciação científica, e felizmente, gosta de trabalhar na brinquedoteca:

BOLSISTA - “a experiência que tenho, adquirei atuando na brinquedoteca e assim posso conquistar novas experiências que podem me ajudar no decorrer do meu curso.”

Como já discutido antes, a brinquedoteca as vezes soa como um ambiente exclusivamente pedagógico, mas tem espaço para várias formas de atuação,

BOLSISTA - “Baseado nas teorias abordadas no curso de psicologia e pela convivência no ambiente da brinquedoteca com outros públicos, percebi que um brinquedista deve ser um indivíduo multidisciplinar; com conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, trabalhando as diversas formas de interação da criança com o meio lúdico; deve entender também sobre o papel do brinquedo como elemento mediador na formação do indivíduo.”

Com base nas respostas obtidas, é possível identificar que um brinquedista precisa de treino, prática, habilidades e desenvolvimento de competências, mas que muitas vezes um brinquedista já possui algumas qualidades

fundamentais naturalmente como, ser comunicativo, sociável e ter boa interação com pessoas e principalmente com crianças. Porém, caracteriza-se como entender a importância no brincar no desenvolvimento de crianças, suas habilidades motoras e intelectuais, vem através de cursos especializados.

A última questão abordada durante a entrevista foi como esses enxergam a inclusão de crianças com necessidades especiais na sociedade.

BOLSISTA - "Entendendo a brinquedoteca como elemento de inclusão da criança na sociedade, vejo que ela exerce fundamental importância no desenvolvimento da criança através das intervenções lúdicas e proporcionando o acesso ao brincar além de funcionar como elemento mediador para o desenvolvimento de habilidades necessárias para o viver em sociedade."

O coordenador disse que essa pergunta nunca deveria ser feita, pois essa é uma mudança necessária e urgente.

COORDENADOR - "Na realidade a palavra "inclusão" deveria não existir no sentido de incluir pessoas que são excluídas. Viver entre iguais deveria fazer parte da condição humana. Ser plural, ser diferente, viver na diversidade deveria ser normal. Praticar a solidariedade e viver em ambientes de paz é uma missão de cada um de nós."

Enquanto a resposta da mãe, soa um pouco sem esperanças de que a sociedade mude.

MÃE - "Inclusão não existe, minha filha sempre estudou em escolas voltadas para crianças especiais, porque eu como professora (já aposentada) trabalhava em uma escola que se dizia uma escola inclusiva, mas isso de fato não acontecia, eu não percebi nem na sociedade e nem em espaços educativos a inclusão, apenas nessa escola (espaço ARAM) minha filha tem terapia ocupacional, fisioterapia, acompanhamento psicológico..."

Mas, apesar das adversidades, devemos cada um fazer nossa parte e tentar motivar a esclarecer preconceitos.

COORDENADOR - "Devemos possibilitar que a alteridade, o altruísmo, o amor e a paz possam existir. Neste sentido, o BRINCAR é um instrumento impar para favorecer a humanização independente de qualquer coisa (etnia, religião, gênero, sexo, opção sexual ou deficiências) ou de qualquer lugar (casa, brinquedoteca, rua, praça, condomínio, etc.). O importante é BRINCAR."

Percebe-se que a brinquedoteca atrai todos os públicos, independente da faixa etária, escolaridade, crianças regulares ou com necessidades especiais e que a presença da brinquedoteca na universidade tem grande valor não somente no desenvolvimento do público participante das atividades, mas como importante instrumento de formação dos estudantes da Universidade.

5.3.2. Entrevista Projeto Sensory Story Time

Quadro 8 – Descrição dos entrevistados do Projeto *Sensory Story Time*

Entrevistados	Descrição	Tempo de participação
Coordenadora do Projeto	Bibliotecária há 10 anos	Trabalha especificamente com este Projeto há 4 anos
Auxiliar no Projeto	Pedagoga, trabalha na biblioteca há pouco menos de 1 ano	Quem realiza as atividades do projeto em outra sede da brinquedoteca
Mãe de criança participante do Projeto	Participante portadora de autismo com 7 anos de idade	Cerca de 8 meses

Fonte: Elaborado pela autora.

Como a biblioteca de Harford é um espaço que, diferente de muitas bibliotecas, também oferece empréstimo de brinquedos e várias atividades para as mais diferentes faixas etárias e crianças especiais foi questionado sobre a formação que os profissionais tiveram para atuar nesse campo. Foram obtidas as seguintes respostas:

COORDENADORA - “Eu tenho formação em educação infantil e mestrado em biblioteconomia. E acho que os bibliotecários devem ser treinados para entender as necessidades do público em geral e acredito que o desenvolvimento profissional contínuo, a educação continuada, também é essencial nessa carreira”.

AUXILIAR – “Eu sou formada em educação e fui professora por alguns anos antes de mudar e vir para a biblioteca. Eu ensinei inglês para alunos especiais da 6ª série por um ano e a maior parte da minha experiência vem daí, trabalhando com crianças com dificuldades de aprendizagem e outras necessidades especiais, embora não tão severas quantas algumas com quem trabalhamos por meio de nossas posições aqui”.

E quanto perguntadas sobre se esse profissional deve ter habilidades específicas para trabalhar com esse tipo de público, elas disseram essencialmente

que empatia é algo que devemos praticar não somente com crianças especiais, mas com todo o público, apenas devemos ter sensibilidade para perceber que cada pessoa é singular e possui necessidades diferentes.

AUXILIAR - "Quanto a habilidades, eu acredito que todo profissional que trabalha diretamente com o público deve ter simpatia e ser flexível para lidar com os diversos tipos de pessoas, sendo essas diferenças de raça, cultura, se é portador de necessidades especiais ou não".

COORDENADORA - "O profissional precisa entender as diferenças das crianças no espectro especial, mas principalmente serem sensíveis à necessidade de cada criança individualmente e respeitar o que elas querem e o que elas são capazes de fazer".

A respeito das diferenças mais relevantes que existem entre as crianças que são encorajadas a brincar com as que não são, nossas entrevistadas falaram que,

AUXILIAR - "Acredito que as crianças que são encorajadas a brincar com outras pessoas tendem a ser mais sociais, mais confiantes e muitas vezes mais empáticas."

COORDENADORA - "Eu acho que, ao criar o espaço seguro para as crianças de todas as habilidades (crianças regulares e especiais) para vir e brincar juntos, é extremamente positivo para todos os envolvidos. Eu acho que começar em uma idade jovem também tem um grande impacto na aprendizagem".

Ao serem questionados sobre os números que o projeto apresenta e há quanto tempo a coordenadora e a auxiliar estão à frente do projeto, nos responderam que a atual coordenadora do projeto não foi quem o idealizou, porém ela está no comando das atividades voltadas para crianças especiais há 4 anos. Enquanto que a auxiliar está nessa função há menos de um ano, porém estão tentando construir um novo grupo da *Story Sensory time* numa outra sede da biblioteca.

AUXILIAR - "as atividades são realizadas uma vez por mês em duas unidades distintas. No segundo sábado de cada mês pela manhã acontece há quase 10 anos e na terceira quarta-feira do mês em outra unidade que fica cerca de 15 minutos afastada, porém esta demorando um pouco para conquistar mais público".

COORDENADORA - "Eu acredito que regularmente atendemos cerca de 6-8 famílias com crianças especiais para o programa de

contação de histórias sensorial e eu diria que a idade média pode ser de cerca de 5-7 anos".

Essa é, na verdade, uma das queixas das profissionais, que infelizmente não há grande número de pessoas participantes. Quando perguntado sobre qual era a principal dificuldade de funcionamento do projeto, a coordenadora e a auxiliar nos relataram que pelo fato de a comunidade já disponibilizar de Terapeutas Ocupacionais e Fonodialogos com visitas periódicas nas casas de crianças com necessidades especiais, muitos pais não apresentam interesse de levar as crianças ao projeto de contação de histórias sensorial.

COORDENADORA - "Em nosso Condado temos a escola John Archer, que é uma escola pública autônoma de necessidades especiais para estudantes com necessidades graves e deficiências. Por isso, acho que muitos dos nossos públicos de necessidades especiais já estão em escolas e programas. É uma sorte que nosso Condado ofereça diversos recursos para esse tipo de público, mas para nós é um desafio construir a base para as nossas contações de historias".

Mais uma vez, gostaríamos de conhecer alguns exemplos de transformação que o projeto causou na vida de algum participante, e mais uma vez não tivemos uma resposta satisfatória.

COORDENADORA - "Nós não temos um grupo de crianças que vem a biblioteca continuamente, eu diria que apenas 2-3 crianças e com o passar do tempo é possível ver seus desenvolvimentos em fala e socialização, mas acredito que isso seja uma soma de fatores".

AUXILIAR - "Eu sou muito nova nesse cargo para responder isso, mas de acordo com os pais que se mudaram para esse Condado recentemente, o conjunto de programas voltados para esse público é bastante satisfatório para eles".

Porém, apesar de o espaço não ter um mapeamento das visitas e desenvolvimento dos participantes, já que o grupo é sempre bastante diverso, a mãe nos contou o que mudou na rotina dela e de sua família após começarem a participar das atividades do *Sensory Story Time*.

MÃE - "As brincadeiras não mudaram muito em casa. Ela sempre brincou bastante e com vários tipos de brinquedos, dos mais divertidos aos criados para desenvolvimentos de habilidades, o que mudou um pouco foi que tentamos separar um tempo em nossa rotina para dar mais atenção e brincar exclusivamente com ela".

E que o conjunto de programas que o Condado de Harford oferece, ajuda muito na melhoria e desenvolvimento de sua filha.

MÃE - "O conjunto de programas no Condado de Hartford é excelente, nós temos uma terapeuta ocupacional que visita nossa casa, e até os 4 anos também tínhamos uma fonodóloga. Esse tema é abordado na escola que ela frequenta. Nós também percebemos uma maior autonomia, sociabilidade, criatividade e melhor capacidade de resolução de problemas."

Perguntamos à mãe se ela identifica por meio de conversas ou comportamentos se sua filha gosta de participar do projeto:

MÃE - "É notável que ela adora a contação de histórias e brincadeiras aqui na biblioteca. Ela tem aula de dança todos os sábados de manhã no mesmo horário do projeto, mas ela gosta tanto e sempre pede para vir, então decidimos faltar suas aulas um sábado por mês para poder estar aqui".

Também foi questionado quais são os brinquedos e brincadeiras favoritas da criança e se algum desses foram adquiridos depois que a família passou a frequentar a biblioteca.

MÃE - "Ela tem vários brinquedos, mas nenhum foi comprado depois do projeto, até porque se ela gostar muito de algum brinquedo nós podemos alugar e devolver na semana seguinte. Mas os brinquedos favoritos dela são bichos de pelúcia e quebra-cabeças simples, ela sempre vibra muito quando termina e quando ela está com a gente, gosta de brincar de fazer comida e vender."

A última pergunta de nossa entrevista trata novamente do tema inclusão e como nossos entrevistados enxergam a inclusão de crianças com necessidades especiais através da biblioteca. E as respostas não poderiam ser mais positivas.

COORDENADORA - "Crianças de todas as necessidades e habilidades chegam às nossas bibliotecas todos os dias e somos conhecidos por ser um lugar seguro e respeitoso. Parabenzamos-nos com todas as nossas contações de histórias e por nunca afastar ninguém".

AUXILIAR - "Muitas vezes as crianças com algum tipo de deficiência são privadas de atividades que normalmente as outras não são. Isso acontece inclusive no brincar, a brinquedoteca permite a essa criança experimentar e aprender coisas que tem mais dificuldade no dia a dia através do jogo da brincadeira, e através desse aprendizado inserir-se com mais qualidade no meio em que vive. Eles desenvolvem qualidades como autonomia e criatividade, mas acima de tudo são mais felizes, mais alegres".

MÃE - "Acho que tem melhorado com o passar dos anos, o assunto esta sendo mais discutido, talvez eu só perceba isso agora, depois que minha filha nasceu com necessidades especiais, mas é muito bom saber que o governo e a comunidade desenvolvem programas para esse público e mostram que se importam".

O trabalho dessas pessoas, nesses projetos, é de extrema relevância para que a prática possa ser espalhada para a população, seja no Brasil, Estados Unidos ou qualquer lugar do mundo. Por meio das entrevistas foi notável que essas atividades têm o propósito de ajudar no desenvolvimento de crianças através da diversão, do jogo, uma forma de aprender brincando, de adquirir habilidades sem perceber.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa era de tecnologia, computador e vídeo games, muitas famílias estão esquecendo-se de apresentar o brincar tradicional e coletivo, tão importante para as crianças. Com essa mecanização da sociedade, as bibliotecas (e brinquedotecas) têm mais um desafio, a de serem espaços que as crianças procurem por conta própria. Em compensação, foi verificado que esses são espaços transformadores e que, se usados positivamente, causam grande impacto na vida de crianças regulares e com necessidades especiais.

Conclui-se através do referencial teórico e das entrevistas, que os objetivos foram atingidos ao conhecer as contribuições das brinquedotecas para o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais, e as atividades realizadas pelos projetos Brincar para incluir e *Sensory Story Time*, ao certificar-se que essas são iniciativas que entendem a importância do brincar e trabalham para que cada vez mais crianças com necessidades especiais sejam incluídas em atividades sociais e educativas.

Buscou-se com essa pesquisa explorar qual é e como se dá o trabalho dos profissionais da brinquedoteca, e de acordo com as entrevistas percebemos que apesar de muitas vezes ser um trabalho desafiador, pela falta de recursos e até mesmo reconhecimento do público, o profissional precisa ter empatia com o próximo e que tenha conhecimento dos vários estágios de desenvolvimento da criança. Podendo claramente, ser um campo de atuação para o bibliotecário, respondendo a outro objetivo. As bibliotecas são lugares para a criança brincar, aprender e explorar e, como jogos, quebra-cabeças e brinquedos são ferramentas para as mesmas jogarem, aprenderem e explorarem, faz sentido que essas formas de recreação tenham valor e continuem a se encaixar bem com outros serviços da biblioteca.

Por meio das entrevistas, outro objetivo foi alcançando, como quando os responsáveis pelas atividades e pais de participantes de ambos os projetos nos agradeceram com bonitos exemplos de transformação. Onde, nos espaços reservados para o brincar, as crianças podem brincar de forma independente, tem autonomia para movimentar-se, conhecem seu espaço no ambiente, desenvolvem os sentidos, praticam o compartilhamento, reconhecem objetos e sua função, dentre tantas mais.

Apesar de essa pesquisa ter sido um trabalho árduo, foi bastante prazeroso, pois a autora que é encantada pelo mundo e pureza de crianças

especiais teve uma grata surpresa ao desbravar e descobrir pessoas, projetos e atividades que buscam aumentar o leque de oportunidade e crescimento dessas crianças.

Finaliza-se, portanto, comprovando que a brinquedoteca, sendo o seu público criança ou adulto, é cativado por esse espaço livre de julgamentos que aproxima crianças regulares e especiais, e com o trabalho competente e motivado desses profissionais, temos esperança de que os diferentes tipos de brinquedotecas continuaram a se multiplicar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. T. P. de. Brinquedoteca e a importância de um espaço estruturado para o brincar. *In*: SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. Brinquedoteca de pesquisa e lazer do IEFES-UFC. *In*: CONGRESSO NORDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2010, Fortaleza. **Comunicação oral...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

_____. CELULA: Centro de Ludicidade e Lazer. **Universidade Federal do Ceará**. Disponível em: <<http://www.celula.ufc.br/p/projetos.html>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ARAUJO SILVA, S. L. Diálogos entre a pedagogia freireana e a educação inclusiva: em busca do sujeito social. *In*: CALADO, A. J. F.; SANTOS, J. M. C. T. **Paulo Freire: teorias e práticas em educação popular: escola pública, inclusão, humanização**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECAS. História. **Site**. Disponível em: <<http://www.brinquedoteca.org.br/historico/>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

AUFAUVRE, M. R. Jogo e aprendizagem. *In*: _____. **Aprender a brincar, aprender a viver: jogos e brinquedos para a criança deficiente**. São Paulo: Manole, 1987. p. 85-120.

BARRETTA, E. M.; CANAN, S. R. Políticas públicas de educação inclusiva: avanços e recuos a partir dos documentos legais. *In*: ANPED SUL- SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/173/181>>. Acesso em: 08 out. 2015.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BERNARDES, M. S. *et al.* A Intervenção do Terapeuta Ocupacional em Brinquedoteca Ambulatorial: relato de experiência. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 582-594, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22785>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

BUENO, S. B.; STEINDEL, G.E. A biblioteca e a brinquedoteca: mediadores do livro, objeto prazeroso de saber e lazer no ambiente escolar. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 10-21, 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v08/m32697.pdf>>. Acesso em 13 jul. 2016.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. São Paulo: MEC, 2007. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.

CAPRILES, R. **Makarenko**: o nascimento da pedagogia socialista. São Paulo: Scipione, 1989.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 mar. 2015.

CRESWELL, J. W.; ROCHA, L. de O. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, E. da. Brinquedoteca escolar: espaço de inovação, socialização e aquisição de conhecimentos para os alunos da educação infantil. *In*: SEMANA DE HUMANIDADES UFC/UECE, 8., 2011, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, 2011. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/000014/00001498.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak editora, 2012.

CUNHA, N. H. S. **Um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Maltese, 2007.

_____. A brinquedoteca brasileira. *In*: SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

DEMO, P. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livro, 2004.

DEPARTMENT OF PUBLIC SOCIAL SERVICES. History and alumni memories. **Site**. Los Angeles, [200-?]. Disponível em: <<https://bit.ly/2w5pLlm>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

FRIEDMANN, A. **O brincar no cotidiano da criança**. São Paulo: Moderna, 2006.

GOES, M. C. R. de; LAPLANE, A. L. F. de. **Políticas e praticas de educação inclusiva**. São Paulo: Autores associados, 2013.

GRAACC. P. P. *In*: _____. **Quimioteca Fundação Orsa**. São Paulo: GRAACC, 2008. Disponível em: <<https://graacc.org.br/wp-content/uploads/2017/07/quimioteca2008.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

KISHIOMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. *In*: _____(org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira, e a educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2004

_____. A brinquedoteca no contexto educativo brasileiro e internacional. *In:* OLIVEIRA, Vera Barros de. **Brinquedoteca: uma visão internacional.** Petrópolis: Vozes, 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LEIF, J.; BRUNELLE, L. **O jogo pelo jogo: a atividade lúdica na educação de crianças e adolescentes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LOURENÇO, Érika. **Conceitos e práticas para refletir sobre a educação inclusiva.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Sao Paulo: E.P.U., 1986.

MACEDO, L. de; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. O lúdico nos processos de desenvolvimento e aprendizagem escolar. *In:* _____. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 9-22.

MARIOTTI, F. **A recreação, o jogo e os jogos.** Rio de Janeiro: Shape, 2004.

MITTLER, P. J. **Educação inclusiva: contextos sociais.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOORE, J. E. **A history of toy lending libraries in the United States since 1935.** Ohio: Kent University, 1995. Originalmente apresenta como dissertação de mestrado, Kent University, 1995. Disponível em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED390414.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

NATIONAL LEKOTEK CENTER. Main page. **Site.** Chicago, [2001?]. Disponível em: <<http://www.lekotek.org/>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

OLIVEIRA, V. B. de. **Brinquedoteca: uma visão internacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção dos direitos das pessoas com deficiência.** Brasília, 2006. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/714_1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014.

PADILHA, A. M. L. **Práticas pedagógicas na educação especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental.** 3 ed., Campinas: Autores associados, 2007.

PANIZZOLO, C. A. formação de educadores em diferentes contextos: a brinquedoteca universitária como espaço lúdico e de pesquisa: desafios e possibilidades. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 5., Porto Alegre, 2011. **Anais...** Porto Alegre:PUCRS, 2011. Disponível em:

<<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0173-5/Sumario/4.1.9.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

PRIETO, R. G. Atendimento escolar de alunos com necessidades especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. *In*: MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2006. p. 31-74.

RIBEIRO, M. L. S.; BAUMEL, R. R. C. **Educação especial: do querer ao fazer**. São Paulo: Avercamp, 2003.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, C. A.; MARQUES, E. M.; PFEIFER, L. I. A brinquedoteca sob a visão da Terapia Ocupacional: diferentes contextos. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 14, n. 2, 2006. Disponível em <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/158/114>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

SANTOS, S. M. P. Brinquedoteca de Universidade. *In*: _____. (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, L.T. da; PAULA, E. M. A. Teixeira de. A atuação de diferentes profissionais em brinquedotecas hospitalares: características e funções. **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em <<http://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/viewFile/1054/763>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

SILVÉRIO, C. A.; RUBIO, J.A.S. Brinquedoteca Hospitalar: o papel do pedagogo no desenvolvimento clínico e pedagógico de crianças hospitalizadas. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em <<http://www.facsaroque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Claudia.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

SOUZA, R. M. de. **Brinquedoteca de pesquisa e lazer do instituto de educação física e esportes: um estudo de caso**. 2010 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.labrinjo.ufc.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=110:brinquedoteca-de-pesquisa-e-lazer-do-instituto-de-educacao-fisica-e-esportes-estudo-de-caso&id=6:monografias&Itemid=93>. Acesso em: 23 set. 2014.

TOY LIBRARY ASSOCIATION. About the USATLA. **Site**. Evanston, [200-?]. Disponível em: <http://www.usatla.org/USA_Toy_Library_Association/Welcome_to_the_USA_Toy_Library_Association.html>. Acesso em: 08 abr. 2018.

USA-TLA: Promoting Development Through Toys and Play. **A publication of the usa toy library association** Vol. XXVIII. Summer 2017. Disponível

em: http://www.usatla.org/USA_Toy_Library_Association/%22Childs_Play%22_News_letter_files/Child%27sPlay_Summer_2017.pdf[LE1]

Acesso em: 12 abr. 2018

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. *In*: _____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 25-40.

APÊNDICE: Questões para a entrevista dos pais de alunos, bolsista e auxiliar dos projetos e coordenadores.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Eu, Maria Tatiane Liberato Furtado, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada: A CONTRIBUIÇÃO DA BRINQUEDOTECA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS ESPECIAIS, a entrevista tem como objetivo obter informações a cerca do projeto Brincar Para Incluir e Story Time Play para conhecer a opinião das pessoas que trabalham nele através das ações realizadas na brinquedoteca. Esta pesquisa tem como propósito a produção da Monografia no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará.

Para os pais

1. Depois que seu filho passou a frequentar o projeto (brinquedoteca), a relação entre você e seu filho mudou? Você passou a brincar com ele em casa? As brincadeiras mudaram?
2. Você percebeu alguma melhora no desenvolvimento da sua criança depois que ela começou a participar do projeto?
3. Você identifica por meio de conversa ou percebe se a criança gosta de fazer parte do projeto?
4. A criança tem brinquedos em casa? Quais os brinquedos e/ou brincadeiras que mais gosta? e algum foi adquirido depois que conheceu o projeto?
5. Como você vê a inclusão na sociedade da criança com deficiência através da brinquedoteca?

Para o bolsista e auxiliar

1. Há quanto tempo faz parte do projeto?
2. Você fez algum curso de capacitação para o trabalho de brinquedista?
3. Como começou a trabalhar como brinquedista?
4. Você percebe se através da brinquedoteca a sociabilidade entre as crianças aumentou?
5. Quais as diferenças mais relevantes que existem entre crianças que são estimuladas a brincar de outras que não o são?
6. Que tipo de competências/formação deve ter o profissional para trabalhar como brinquedista?
7. Como você vê a inclusão na sociedade da criança com deficiência através da brinquedoteca?

Para os coordenadores dos projetos

1. Quantas crianças são atendidas em média pelo projeto?
2. Qual a faixa etária das crianças?
3. Quais as principais dificuldades encontradas para o funcionamento da brinquedoteca?
4. Qual foi sua formação profissional para estar apto a esse trabalho e quais características deve ter o profissional que trabalha na brinquedoteca?
5. As atividades são planejadas a cada dia de visita ou as crianças podem brincar livremente? Como funciona a didática?
6. Quais as diferenças mais relevantes que você identifica entre crianças que são estimuladas a brincar de outras que não?
7. Como você vê a inclusão na sociedade da criança com deficiência através da brinquedoteca?